

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS**

BRUNNA ADLA FERREIRA

**O MITO DE LUGAR NA OBRA “SAGA DA ESPERANÇA: SOCIALISMO UTÓPICO
À BEIRA DO IVAÍ” DE JOSUÉ CORRÊA FERNANDES, UMA LEITURA NA
INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA**

**PONTA GROSSA
2022**

BRUNNA ADLA FERREIRA

**O MITO DE LUGAR NA OBRA “SAGA DA ESPERANÇA: SOCIALISMO UTÓPICO
À BEIRA DO IVAÍ” DE JOSUÉ CORRÊA FERNANDES, UMA LEITURA NA
INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de
mestre, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área
de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny

PONTA GROSSA

2022

F383 Ferreira, Brunna Adla

 O mito de lugar na obra “saga da esperança: socialismo utópico à beira do Ivaí” de Josué Corrêa Fernandes: uma leitura na interface entre Geografia e Literatura / Brunna Adla Ferreira. Ponta Grossa, 2022. 70 f.

 Dissertação (Programa de Pós Graduação em Geografia - Área de Concentração: Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny.

 1. Geografia. 2. Literatura. 3. Mito de lugar. 4. Ficção. I. Nabozny, Almir. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Geografia. III.T.

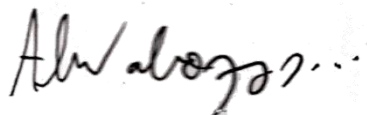
CDD: 910

BRUNNA ADLA FERREIRA

GEOGRAFIA E LITERATURA, O MITO DE LUGAR NA OBRA “SAGA DA
ESPERANÇA: SOCIALISMO UTÓPICO À BEIRA DO IVAÍ” DE JOSUÉ CORRÊA
FERNANDES

Dissertação apresentada para a obtenção do
título de mestre na Universidade Estadual de
Ponta Grossa, Área de Geografia

Ponta Grossa, 21 de setembro de 2022.



Almir Nabozny
Professor Doutor – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Erivan Cassiano Karvat
Professor Doutor – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Eguimar Felício Chaveiro
Professor Doutor – Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo o suporte desde a seleção até à finalização desta pesquisa, por todas as conversas e pelo ombro carinhoso nos dias de ansiedade e folhas em branco.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Almir Nabozny, agradeço, sobretudo, pela paciência, pelos livros, pelas conversas e pelas várias sugestões no decorrer da caminhada.

Ao Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat, pela ideia que nos fez caminhar, sem hesitar, para o mundo da Geografia e da Literatura.

Ao Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, pelas considerações no processo de qualificação desta pesquisa.

E aos queridos amigos que acompanharam e auxiliaram de perto todo o processo, Cristiane Dalzoto, Igor Luige, Ingrid Ligoski, Jéssica Gadotti e Marcos Oliveira. Vocês aliviariam a caminhada. Todas as conversas e risadas foram essenciais para que eu me mantivesse firme. Todo meu carinho a vocês!

RESUMO

Este trabalho visa apresentar uma leitura da obra de Josué Corrêa Fernandes, intitulada “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico À Beira do Ivaí” a partir do conceito de mito de lugar (SHIELDS, 1991). A leitura é contextualizada em trabalhos acadêmicos que exploram as relações entre Geografia e Literatura na apreensão dos sentidos humanos de lugar. A busca caminhou no entendimento da literatura, e os movimentos em espaços narrados na obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), trazendo, assim, uma interpretação a partir de conceitos que estabelecem identidades a linguagem geográfica. Desse modo, observou-se como o mito de lugar se estabelece nas paisagens e lugares narrados. Portanto, ao final é explicitado dois momentos: o mito de lugar enquanto um conceito, com relação ao lugar ficcional da obra, e o mito de lugar na paisagem imaginada na leitura da narrativa.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Mito de Lugar; Ficção.

ABSTRACT

This paper aims to present a reading of the work of Josué Corrêa Fernandes, entitled "A Saga da Esperança: Socialismo Utópico À Beira do Ivaí" from the concept of myth of place (SHIELDS, 1991). The reading is contextualized in academic works that explore the relations between Geography and Literature in the apprehension of human meanings of place. The search walked in the understanding of literature and the movements in spaces narrated in the work of Josué Corrêa Fernandes, thus bringing an interpretation from concepts that establish identities to geographic language. In this way, it was observed how the myth of place is established in the landscapes and places narrated. Therefore, at the end, two moments are explained: the myth of place as a concept, in relation to the fictional place of the work and the myth of place in the imagined landscape in the reading of the narrative.

Keywords: Geography; Literature; Place-Myth; Fiction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro Saga da Esperança: Socialismo Utópico à beira do Ivaí.....	22
Figura 2 - Josué Côrrea Fernandes, Autor de Saga da Esperança: Socialismo Utópico à beira do Ivaí.....	22
Figura 3 - Jean Maurice Faivre, personagem de Saga da Esperança: Socialismo Utópico à beira do Ivaí.....	23
Figura 4 - Localização do distrito de Tereza Cristina com relação ao rio Ivaí.....	42

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 - Um caminho percorrido entre a Geografia e Literatura	11
1.1 Uma versão sobre a relação entre Geografia e Literatura.....	11
1.2 Apontamentos sobre a obra.....	22
1.3 Uma versão sobre a relação entre a Literatura e a Geografia.....	27
Capítulo 2 - Movimentos na narrativa de Josué Côrrea Fernandes	33
2.1 A Saga como realização do ato heroico.....	33
2.2 Socialismo utópico e esperança.....	38
2.3 À beira do Rio Ivaí.....	42
Capítulo 3 - O Mito de Lugar na “Saga da Esperança”	50
3.1 O mito de lugar como conceito.....	50
3.2 Mito de lugar e a relação com a paisagem na narrativa.....	56
Considerações Finais	63
Referências	66

Introdução

O presente trabalho surge no intuito de ampliar o diálogo da Geografia com o campo da Literatura, a partir da leitura de um escrito de memória regional, produzido por Josué Côrrea Fernandes (2006), inspirado no lugar histórico de formação de uma colônia que dá origem ao atual distrito de Tereza Cristina, pertencente à cidade de Cândido de Abreu – norte do Estado do Paraná.

A proposta de pesquisa, portanto, é: a) apresentar uma leitura da obra “Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí”, de Josué Côrrea Fernandes (2006), a partir de um olhar da ciência geográfica, de maneira que em um primeiro momento foi buscado interpretações que trouxessem respostas, contudo, o que surgiu foram novas questões; o caminho, então, foi trilhado no sentido de b) explorar os interstícios entre a Geografia e a Literatura a partir de uma obra e um autor não estabelecido como “canônico” no campo da literatura brasileira. A ideia de interstícios, portanto, figura uma posição de leitora e uma opção de produção de conhecimentos no trânsito¹ entre o que foi forjado modernamente como loci isolados na experiência humana da Terra.

A partir da narrativa de Fernandes (2006) depara-se com a experiência descrita por Perrone-Moisés (2016), isto é, ao ler a obra, em um primeiro momento, no âmbito da curiosidade, o que se busca é um senso de realismo em que se coloca a pesquisadora como exemplo, pois a obra denominada como ficcional traz esses requintes de fatos históricos, vindo a ser explorada até como fonte em uma pesquisa anterior (FERREIRA, 2019), na qual apresenta o experimento socialista de Jean-Maurice Faivre (Combe Raillard, Saint-Maurice en-Montagne, Jura, França, 21 de setembro de 1795 – Colônia Tereza Cristina, 30 de agosto de 1858), constituindo um Patrimônio Cultural de Tereza Cristina.

A proposta de pesquisa em tela é forjada, então, após a escrita de um artigo para finalização da disciplina de Seminário de Pesquisa (PPGG/UEPG), intitulado como: “A Colônia Tereza Cristina (PR) e sua relação com mito de lugar a partir da

1 A ideia de trânsito é apontada por Suertegaray (2006) enquanto uma tentativa de se colocar no lugar do outro para se ter uma visão mais ampliada da “disciplina geográfica” angariada por fragmentos, “[...] posto que é na fronteira conhecimento que os fenômenos se tornam híbridos” (SUERTEGARAY, 2006, p. 37). O trânsito, os interstícios como recurso intencional de produção da leitura também são evidenciados por Hissa (2002) ao pensar a fronteira como um limite inventado para classificar e organizar a abstração.

obra ‘Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí’ de Josué Côrrea Fernandes”, em que a escrita e o objetivo caminhou para construção de uma Geoliteratura, ao invés da problematização de um lugar histórico e uma pesquisa empírica (projetada anteriormente), pois constatou-se que o objeto de pesquisa estava estabelecido na obra e não efetivamente no lugar/distrito de Tereza Cristina.

Nesse *insight* as orientações tomaram novos rumos e assim novas leituras, portanto, a ideia principal é a apresentação das possibilidades da relação entre os campos do conhecimento, a Geografia e a Literatura, pois o trabalho irá apresentar argumentos geográficos forjados dentro da narrativa de Fernandes (2006).

Portanto, o objetivo principal é entender como se institui fundamentalmente o conceito de mito de lugar por meio da leitura da obra que narra a epopeia de Faivre, seguido de suas especificidades, como entender a relação geografia/literatura, trazendo ações relevantes das duas áreas, observar e pontuar os movimentos espaciais identificados na obra, trazendo, assim, uma análise com conceitos inerentes à Geografia, para, dessa forma, identificar como o mito de lugar se estabelece nas paisagens narradas por Josué Côrrea Fernandes (2006).

Para atingir a realização desses objetivos, buscou-se um aprofundamento em Literatura, primeiro para estabelecer o que se estava entendendo da obra de Fernandes (2006) em termos técnicos literários; para isso, se fez necessário não só buscar pesquisadores e autores que discutissem sobre essa intersecção, mas também a participação em uma disciplina da área de Letras, intitulada como Estudos do Texto Ficcional, ministrada pela professora doutora Rosana Apolonia Harmuch (UEPG).

Nesse íterim, os estudos realizados na disciplina fundamentam as referências metodológicas do presente trabalho, tais como o conceito de figuração e sobrevida do personagem (REIS, 2018), que auxiliam no entendimento do texto ficcional, que traz figuras históricas para a ficção, além do que Perrone-Moisés (2016) apresenta dois escritores como personagens em narrativas, onde a autora afirma que trabalhar com biografias dentro da ficção “abre um leque de possibilidades infinitas” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 138).

Sendo assim, a organização geral do documento de dissertação apresenta no primeiro capítulo um breve estado da arte com a fundamentação teórica utilizada, escritos que auxiliam na compreensão dos trabalhos desenvolvidos dentro da

Geografia e da Literatura e a potencial relação da obra lida com os discursos da ciência geográfica.

O segundo capítulo trata dos movimentos espaciais identificados na narrativa de Josué Côrrea Fernandes (2006), a partir daquilo que é enunciado no título da obra, em primeiro lugar “A Saga”, seguido do “Socialismo Utópico e esperança” e então à “beira do Ivaí”; esses movimentos sustentam a compreensão da obra com base na Geografia, se utilizando deles para entender como a Literatura também caminha nos interstícios da Geografia.

No terceiro capítulo se apresenta a proposta de compreensão da obra “Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí” a partir do conceito de Rob Shields (1991), chamado de *place-myth* (mito de lugar) , fazendo menção ao lugar imaginado por Fernandes (2006) em sua obra, explicitando dois momentos: o mito de lugar enquanto um conceito, com relação ao lugar ficcional da obra, e o mito de lugar na paisagem imaginada na leitura da narrativa.

Após o entendimento do que se trata o objeto de pesquisa para além do saber básico de um livro ficcional, caminhou-se para uma leitura geográfica, tanto do livro de Fernandes (2006), quanto de autores que estão fundamentados na Geografia, com o intuito de trazer essa construção de saberes e demonstrar, também, o trânsito de conhecimentos humanos presente nos estudos geográficos.

Capítulo 1 - Um caminho percorrido entre a Geografia e Literatura

Neste capítulo temos como proposta desenvolver em três subcapítulos a contextualização da obra de Josué Corrêa Fernandes (2006) - nosso objeto de pesquisa. Em primeiro lugar, se traça uma perspectiva referente aos pensamentos/raciocínios do campo geográfico com relação ao discurso literário com enfoque nos contextos geográficos e em produzir visibilidade da relação preconizada, para, assim, entender de que maneira ela se estabelece como narrativa ficcional.

A caracterização da obra “Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí” é propositadamente postulada no capítulo em uma posição de transição entre a Geografia e a Literatura, para uma inversão tênue, mas que visa expressar o movimento relacional, isto é, um terceiro momento em que se enfoca um a pouco mais a Literatura e a Geografia, inserindo a narrativa interpretada neste cenário e a significância da literatura neste processo.

1.1 Uma versão sobre a relação entre Geografia e Literatura

Recorre-se em um primeiro momento à leitura de trabalhos, nos quais os autores apresentam uma periodização no que se refere à aproximação do campo literário nos trabalhos científicos de geógrafos e geógrafas. Válido destacar em primeiro plano o livro “Geografia Literária” de Mauro Mota (1961) (professor, escritor, jornalista e ensaísta brasileiro), em termos de pioneirismo na história intelectual brasileira, e o artigo que é recorrentemente citado de Marc Brosseau (2007), no campo da história do pensamento geográfico.

Como trabalhos recentes na temática, por exemplo, cita-se o texto de Maria Lucia de Amorim Soares (2010), a qual aborda a perspectiva de lugares e espacialidades entre a Geografia e a Literatura. O artigo de Júlio César Suzuki (2010) também é expressivo ao interpretar o indivíduo a partir da poesia de Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 31 de outubro de 1902 – Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987), inserindo a Geografia e a Literatura em uma discussão acerca da Modernidade. Por sua vez, Maria Geralda de Almeida (2010) produz um importante trabalho relacionando às literaturas criadas e produzidas por geógrafos e geógrafas e as

escritas utilizadas por eles para uma nova leitura de mundo/realidade. Segundo Mota (1961, p. 93),

Em vez de empecilho, a literatura é caminho e dos mais sedutores para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la. O geógrafo, seja qual for sua especialidade, não cria fenômenos. Compete-lhe identificá-los. Ele tem de juntar às suas pesquisas, se quiser conferir-lhe interesse, o tratamento anti-relatório. Se ele não sabe dizer ou não quer dizer, pouco adianta descobrir.

Em um escrito da antiga metade do Século XX, Mauro Mota (1961) já indicou a importância da escrita literária em compreensões geográficas de mundo, demonstrando que a literatura pode contribuir para entender o espaço vivido e experienciado, trazendo a luz que o geógrafo necessita da identificação de determinados eventos para construção da sua perspectiva, apresentando com frequência novos olhares distintos em relação à Geografia Clássica, por exemplo, identificada em Mota (1961), como um “discurso relatório”.

Dessa maneira, existindo a necessidade de entender que o interesse pela Literatura para os geógrafos não é novo, torna-se importante traçar um cenário geográfico e apresentar algumas questões presentes.

Marc Brosseau (2007^a) visa chamar a atenção para a relação entre a Geografia e a Literatura, examinando concepções de literatura que evidenciam o uso da Geografia, apresentando um diálogo entre os discursos científicos e literários em que o geógrafo tem a possibilidade de desenvolver um trabalho para denotar o que a obra ficcional constitui para ele (geógrafo).

O autor faz, ainda, um breve caminho tratando a Literatura como um “novo objeto para a Geografia”, pois, até o início dos anos 1970 os trabalhos apresentados entre essas duas áreas eram bastante escassos. Foi quando “a geografia anglo-saxã multiplicou os apelos em favor da utilização de fontes literárias” (BROSSEAU, 2007^a, p. 17).

Além disso, Brosseau (2007^a) também afirma que é conveniente examinar as concepções de Literatura que estão implícitas e que em suas palavras legitimam a utilização de um material que se volte à Geografia regional, ao espaço vivido e que em alguma medida se volte para a Literatura, esclarecendo, desse modo, os tipos de relações que a Geografia pode manter com o discurso literário.

Como exemplo das relações preconizadas por Brosseau (2007^a), cita-se o artigo “Território, poesia e identidade” de Rogério Haesbaert (1997), em que o autor afirma a necessidade de restabelecer a interpretação poética na Geografia, lembrando que “muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta dos seus prédios e montanhas” (HAESBAERT, 1997, p. 24). Assim, Haesbaert (1997) implode a ideia de racionalizar geograficamente (científica) à Literatura como uma “fonte objetiva”, mas uma abertura para entender a experiência geográfica da Terra associada também a uma dimensão estética, demonstrando perspectivas para notar novos símbolos dentro da literatura, representações que surgem de muitas análises. Entretanto, os símbolos dentro do campo literário não podem ser simplesmente aleatórios, pois, existem, como afirma Haesbaert (1997, p. 24),

[...] “espaços” ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concretos e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muitos seus limites físicos e sua utilização material.

Apresentar, portanto, a Literatura juntamente com a Geografia é possivelmente demonstrar a capacidade de apreciar a originalidade e a personalidade dos lugares (BROSSEAU, 2007^a), dado que de início acontece uma preocupação com a descrição e lembrança das paisagens, no sentido justamente de personalidade de um lugar, e é por esse caminho que a Geografia Humanista, por exemplo, vai passar quanto à apreciação de fontes literárias para o desenvolvimento de um trabalho geográfico.

Ainda nesse período, a Geografia Humanista, a partir da intencionalidade fenomenológica, é forjada no discurso geográfico no mesmo contexto de pensamento em que se estrutura a crítica marxista (BROSSEAU, 2007^a); dessa forma, se torna conveniente examinar as concepções de Literatura que estão implícitas e que ratificam um conteúdo que se volte para a Geografia.

Brosseau (2007^a) ainda busca compreender o motivo pelos quais os geógrafos humanistas situam a relação Geografia e Literatura em suas palavras no “terreno da consciência e do imaginário”, deixando de lado as outras mediações que o discurso e a escrita trazem (aqui entende-se por linguagem, teorias linguísticas e discursivas). Brosseau (2007^a, p. 31), aponta também que,

Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece-lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana (BROSSEAU, 2007^a, p. 31).

Sendo assim, de acordo com Brosseau (2007^a, p. 32), este encontro, faz com que,

Muitas vezes a literatura, em seus textos, torna-se o lugar um pouco mágico ou mítico onde, em um casamento perfeito, conjugam-se os aspectos mais concretos do mundo exterior e o mundo imaginário, o subjetivo do homem.

Pode-se, dessa maneira, construir um dialogismo no sentido de abrir caminhos para uma nova exploração, uma nova aventura nos limiares de áreas do conhecimento em que o encontro é potencialmente fértil para a compreensão da experiência humana na Terra.

Portanto, entender os sentidos da linguagem passam pelo entendimento que os enunciados dentro de uma narrativa, são constituídos a partir de outros (discursos, vozes), ou seja, “sem funcionamento real da língua, não há dialogismo, e em todo funcionamento real da língua, o dialogismo aparece inevitavelmente” (MARQUES, 2014, p. 260).

Dessa maneira, a construção de narrativas através de enunciados liga-se diretamente com a incorporação da voz do enunciador, a partir de outro enunciado, utilizando, como exemplo, o que Marques (2014) traz em seu texto, que é a forma mais utilizada em trabalhos acadêmicos, em que ideias são apresentadas, aliando-se a discussões de outros autores “por meio de recuo de parágrafo, aspas” (MARQUES, 2014, p. 260).

Por isso, dentro de trabalhos que dialogam com a literatura, torna-se importante a compreensão do dialogismo, pois, tendo o livro de Josué Corrêa Fernandes (2006) como pauta e para trazer as colocações de uma obra ficcional, é de extrema importância entender o uso real da linguagem, além de compreender que é um conjunto coerente de signos, como afirma Bakhtin (1997).

Além da importância de tratar da subjetividade das relações, pois Marques (2014, p. 262), confirma que,

[...] o sujeito se constitui dialogicamente. Não há como, enquanto ser detentor de uma consciência histórica, ser diferente. Da mesma forma que a dimensão subjetiva não está nunca acabada, mas em constante devir.

Suzuki (2010, p. 243) confirma que os avanços atuais nos debates no plano das relações entre a Geografia e a Literatura foram muitos e que resultaram em trabalhos de conclusão de cursos de graduação, dissertações, teses, entre outros, e para a Geografia de acordo com o autor,

[...] sobretudo na incorporação de nuances culturais presentes nas análises, reconstituindo mediações entre os sujeitos na concretude da produção do espaço. Isto não era comum nos estudos realizados sob a tutela do historicismo e do quantitativismo.

Sofisticar a construção do texto geográfico (MOTA, 1961), relação estética com objetos em espaço (HAESBAERT, 1997) e avanço nos estudos qualitativos em Geografia (SUZUKI, 2010), nesse ínterim, já é possível apontar estas três dimensões pelas quais há um benefício ao discurso geográfico no diálogo com a Literatura. Em termos de macro perspectiva teórico-metodológica, Brosseau (2007^b, p. 83) afirma que “em termos numéricos predominam os trabalhos que exprimem um ponto de vista humanista”, e nesse caso específico a Geografia Humanista vai buscar identificação justamente com a essência da obra, no sentido de expressar sua relação com o mundo real.

Ressaltando um caminho de aproximação das pesquisas geográficas com a discussão literária, em parte significativa da História da Geografia, “os testemunhos literários, embora não fossem rejeitados, mas simplesmente ignorados, não eram considerados suscetíveis de constituir bases sólidas para uma geografia científica rigorosa” (BROSSEAU, 2007^a, p. 18-19). Em síntese, a literatura não era considerada como uma fonte confiável, isto é, sintomático de um pensamento geográfico fundado no polo racional da Modernidade (GOMES, 1996).

Já Almeida (2010) avança diretamente na intersecção entre Geografia e Literatura, ou seja, o que denomina de literaturas geográficas e a existência de obras literárias foram obras escritas por geógrafos no seu pleno exercício de ofício, e a literatura que foi/é problematizada pelos geógrafos como meio da ampliação da consciência de realidade.

O diálogo que a autora estabelece com a existência dessas “formas” de literatura (obras de geógrafos e obras literárias “lidas” a partir de uma intencionalidade geográfica), constrói uma perspectiva em que de um lado existe a experiência e de

outro a interpretação. Na experiência, o geógrafo engendra um caminho a partir das experiências vividas e textos interpretados, ao passo que na interpretação de obras, ele vai esboçar novos ideais para seu trabalho enquanto geógrafo, e, quiçá, novos discursos literários.

Sendo assim, o trabalho dos geógrafos humanistas não é diminuído, mas a exemplificação de Brosseau (2007^b) apresenta este novo viés e questiona o porquê caminhar apenas por um lado, quando temos outras vias a serem exploradas. Uma vez que os trabalhos vinham apenas para demonstrar algo, e de acordo com Brosseau (2007^a) “[...] afirmar sem debater, uma tal concepção da literatura, em uma época em que ela mobiliza tantos discursos, tem qualquer coisa de profundamente problemático” (BROSSEAU, 2007^a, p. 46).

Articulamos a problemática com as ideias desenvolvidas por Almeida (2010, p. 144), pois para a autora,

Os geógrafos humanistas, preocupados com a restituição do sentido dos lugares (*sense of place*), com abordagem fenomenológica valorizaram os textos literários devido a qualidade do testemunho sobre a experiência concreta dos lugares, por meio da transcrição da experiência perceptiva e do vivido dos lugares pelo sujeito e ao valor atribuído aos lugares.

Tal apontamento nos faz entender a partir de leituras se o autor de determinada obra literária demonstra ter ou não alguma relação para com o lugar narrado, no sentido de ser, ou em busca de uma ontologia geográfica nas obras, nas palavras de Brosseau (2007^b), um “lugar literal”. Tais questionamentos fazem referência direta ao objeto da presente pesquisa, o livro “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí” de Josué Corrêa Fernandes (2006); que a partir da ideia de trânsito (SUERTEGARAY, 2006) se busca evidenciar um objeto híbrido como modo pelo qual se estabelece o mito de lugar, de uma experiência utópica.

Nesse ínterim, os estudos da Geografia Humanista caminham para tratar do sujeito personagem com uma carga de biografia, e mais uma vez, destaca-se Brosseau (2007^b), pois, nesse entendimento de autobiografia existe o “testemunho de pessoas reais”, que são levadas para a ficção. Destaca-se que Fernandes (2006) se apropria dos mecanismos biográficos, mas, a partir de uma posição em que o autor é elevado à categoria de testemunho, tal efeito é criado com os recursos das referências e fontes, dispositivos típicos do texto científico, pois, para Brosseau (2007^a, p. 25),

[...] ele nos mergulharia nas atitudes, nos valores, nos conflitos das pessoas de uma região determinada face ao seu meio ambiente. O presumido realismo das obras estudadas seria, portanto, um realismo subjetivo coletivo que o romance conseguiria explicar e saberia descrever adequadamente.

Desse modo, Brosseau (2007^b) apresenta “a questão do realismo”, afirmando que existem romances que apresentam essa temática, a partir de uma espécie de “controle”, no sentido de que o leitor se mantém refém das informações fornecidas pelo autor da ficção, e essa ideia pode ser compreendida por duas vias, a 1ª como uma avaliação de documentos trazidos pelo próprio escritor da obra, e a 2ª é a verificação, agora por parte do leitor, entendendo se a obra pode ser confrontada com os fatos.

Posto isso, Almeida (2010) retorna com a compreensão de entender que por meio da experiência concreta dos sujeitos, a obra se supõe como um “*continuum* vida-obra/experiência literária” (ALMEIDA, 2010, p. 144).

No decorrer de sua escrita, Maria Geralda de Almeida (2010) caminha para a compreensão de uma Geografia Sertaneja, no sentido de tratar de poesias do sertão de Patativa do Assaré (1909-2002), portanto, a partir dessas interpretações da Geografia e da Literatura, ela perpassa por entendimentos de lugares objetivos e subjetivos, na direção de demonstrar que é possível produzir perspectivas de estudos intermediando esses dois pontos importantes, demonstrando novos olhares e percepções da Literatura e da geografia.

São nesses novos olhares que a Geografia e a Literatura caminham, no que Soares (2010, p.191) afirma, pois, trabalhar com essa relação é algo fascinante e desafiador:

Fascinante: Geografia e Literatura como cruzamento e confluência de saberes, esquina de riscos e aventuras intelectuais. Fronteiras entrecruzando-se, encontro inesperado do diverso [...] porque dizendo respeito a uma nova compreensão de mundo em seus diferentes campos frente à pluralidade de enfoques dos vários setores da contemporaneidade. Desafiador, visto que qualquer texto se constitui com reprodução não da escrita, mas da leitura, já que o sentido do escrito não está no próprio texto, mas sim no texto que cada leitor vai ler [...] porque a imaginação do leitor é um palimpsesto em demanda, pulsão colecionadora de sentidos.

Entende-se aqui as diferenças entre as duas áreas (Geografia e Literatura) que se libertam e se chocam, no sentido de que podem caminhar por diversas vias. Soares (2010) constrói um pensamento acerca de três perspectivas, com relação ao lugar e a espacialidade da Geografia e da Literatura: a primeira com Edward Soja,

Henri Lefebvre e Michael Foucault, com “o desafio de compreendermos o espaço como meio, força modeladora da vida social e, simultaneamente, resultado, produto das relações sociais” (SOARES, 2010, p. 195); a segunda, com a teoria da relatividade de Albert Einstein (14 de março de 1879, Ulm, Alemanha – 18 de abril de 1955, Princeton, Nova Jersey), e o vínculo para com a ideia relacional de espaço-tempo, ligada também com o ideal de David Harvey de “compressão espaço-tempo”; e a terceira ideia vai em direção ao desaparecimento do espaço, “trata-se do prisma daqueles que entendem a pós-modernidade como época da expansão vertiginosa das tecnologias teleinterativas e da realidade virtual [...]” (SOARES, 2010, p. 196).

Ainda segundo Soares (2010, p. 196),

Todas essas três perspectivas possuem em comum o fato de ressaltarem a mutação dos regimes de espacialidade e temporalidade que vivemos, trazendo no seu bojo a consciência de que a noção de identidade individual e coletiva é profundamente afetada por essa mutação.

Dessa forma, compreende-se que existe uma perspectiva ampla para entender a Geografia, e para a autora essa relação pode se estabelecer em uma Geografia de lugar nenhum, onde o encontro que ocorre com a Literatura, cria-se uma espacialidade, ou seja, são lugares de troca, de circulação, de passagem, por assim dizer; por esse motivo, a apresentação de contos de João Gilberto Noll (15 de abril de 1946, Porto Alegre, Rio Grande do Sul – 29 de março de 2017, Porto Alegre, Rio Grande do Sul), que cria seus personagens, principalmente o protagonista de *O Hotel Atlântico*, passando por vários lugares, relatando como são. E segundo Soares (2010), essa obra “é o conjunto poroso de mudanças que vivenciamos” (SOARES, 2010, p. 204), além da experimentação da Geografia e da Literatura se comunicando em formas de sugestividade do conhecimento, e de acordo com Soares (2010, p. 204),

É aqui que colidem Geografia e Literatura. Num buraco negro, ambas são tragadas por um mesmo desvão como grandes coadores, ralos mesmo, a sugarem os disfarces do mundo, para dele filtrarem o essencial, o osso das coisas. Afinal, é na mente do leitor que os dizeres da Geografia e da Literatura tomam corpo, ferramentas a perfurar um mundo onde hoje, no lugar das identidades fixas registradas em nomes e documentos, restam apenas manchas, nódoas, pegadas, vestígios.

Se Soares (2010) apresenta uma espécie de três entradas teóricas para entender a construção do espaço narrativo, concomitantemente a Literatura pode ser entendida também como uma fonte em que se expressam a vivência humana do espaço no plano da construção material da existência no tempo presente, demonstrando experiências, pois, um(a) autor(a) objetiva ou subjetivamente apresentará pontos inerentes à sua vivência. “Uma obra literária não se expõe ao julgamento do verdadeiro e do falso” (BROSSEAU, 2007^b, p. 113), sendo assim, o que deve se imperar é sua apresentação. E Brosseau (2007^a, p. 37), afirma ainda que,

A linguagem com a qual um indivíduo representa uma experiência no momento mesmo em que a vive através de seu corpo e de sua linguagem é diferente da linguagem mobilizada pelo romance, mesmo quando ele narra uma experiência semelhante.

Como fonte no diálogo do geógrafo com a Literatura, são importantes para integrar o dialogismo, isto é, “o diálogo não é senão outra estratégia que permite que o geógrafo entre em contato com o romance, interrogando sua própria relação com a linguagem e a escritura, graças a um encontro com esse outro, sem procurar assimilá-lo” (BROSSEAU, 2007^b, p. 89-90).

No caminho da vivência expressada em obras literárias, observa-se o que Pinto (2004, p. 39) afirma,

Uma história que avalie a centralidade da leitura no entendimento das experiências históricas vividas; que compreenda que autor e escritura não são produtos ou referências fixas no tempo em que existem, leituras são, ao contrário, sempre designativas da experiência histórica em que puderam se realizar.

Percorre-se, portanto, os entremeios de uma interpretação e de uma utilização do texto em que na Geografia existe a possibilidade, e além de notar esses pontos (interpretação e utilização), no momento de escolha de uma obra, após sua leitura, o leitor estabelece essa experiência e seu trabalho se desdobra em uma interpretação, assim a narrativa deixa de ser um ponto fixo, dá-se um passo na construção de novas experiências.

Em trabalhos de relação entre áreas do conhecimento, sempre poderá ser realizado essa apresentação de novos autores, novos olhares, e continuar inserindo e construindo ideias e vivências, uma divulgação do saber. E a estética é um “princípio

orientador”, pois, demonstra qual é a influência que uma determinada escritura tem sobre outra (PINTO, 2004), no que se refere, sobretudo, à interpretação.

Na investigação de assimilar a linguagem da ficção e sua escrita, surge uma diferença entre a utilização e a interpretação do texto, que levanta algumas questões importantes para se refletir em trabalhos que trazem a Literatura e a Geografia como mote de intersecção, pois Brosseau (2007^b) demonstra uma “interpretação *stricto sensu*”, caracterizada quando o sujeito leitor não procura compreender o texto no contexto em que ele foi escrito, ou seja, entende-se que o texto só é utilizado a partir do que tem sido de maior utilidade ao seu leitor, em que “a leitura instala o lugar da crítica e cria condição para a existência da história, a volúvel história, com seus caprichos e oscilações e interpretação, com sua vocação crítica” (PINTO, 2004, p. 36).

Enxerga-se de tal maneira uma pluralidade de interpretações para uma obra literária, a Geografia mesmo nos permite isso, contudo, é interessante entender que a forma como cada sujeito leitor irá compreender determinada escritura, não significa que outra visão irá voltar-se contra ela ou irá ser anulada/falseada.

Assim, segue-se para compreender uma abordagem do lugar para a leitura e organização dos livros e/ou um lugar para uma história. Pensar na localização dos livros remete uma espécie de “materialização” do lugar. Uma biblioteca, por exemplo, remete às memórias coletivas, materialização do lugar do livro pela mobilização potente de histórias, conhecimentos e informações em que cabe forjar-se a identificação com o sujeito leitor, portanto, “leitores e escritores reúnem-se conjuntamente com os livros que contêm o passado escrito e assegurado, num espaço monumental e de acesso restrito” (PINTO, 2004, p. 34).

Na Geografia, os trabalhos que se encontram relacionados à literatura estão de alguma maneira fazendo uma relação com o conceito de lugar, trazendo um lugar específico da narrativa para a ciência geográfica, apresentando pontuações, novos olhares e possibilidades, e Pinto (2004, p. 54) afirma que “toda percepção é nova, na medida em que significa uma outra posição do leitor (mesmo que seja o mesmo) em relação ao texto”.

Reiterando, para a Geografia a Literatura torna-se também importante sempre que associada a percepções, uma vez que existem diversos caminhos para serem exploradores e delimitando novos olhares, organizam-se questões e temáticas, assim, toma-se a leitura como uma tarefa de construção. Dessa maneira, os lugares

construídos nos trabalhos da ciência geográfica podem ser pensados como construções e/ou ordenação dos lugares.

Dito isso, caminha-se para entender que o trabalho em tela foi desenvolvido na busca de entender um lugar ficcional e o mito de lugar dentro de uma obra regional, o livro de Josué Corrêa Fernandes (2006): “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí”, com sua 2ª edição revisada e ampliada, lançada no ano de 2006, pela editora Sesquicentenário, Imprensa Oficial do Paraná.

A literatura não é pensada no presente trabalho como uma fonte histórica. Entende-se que o espaço tratado na obra por Fernandes (2006), embora seja monumentalizado pelo artifício do emprego das fontes e dos documentos históricos, a sua narrativa não é angariada na objetivação da escrita da História. Apresenta uma carga maior de ficcionalidade, portanto, forjando um lugar imaginado, com personagens construídos por fragmentos de suas biografias, trazidos e adaptados a uma trama textual.

Entende-se, então, que o personagem principal da obra não se trata do Jean Maurice Faivre histórico, mas sim como ele é apropriado para produzir uma narrativa de uma epopeia de um lugar do interior então desconhecido. Há uma necessidade de grandeza que a Literatura pode oferecer em termos de canonização do lugar, fundindo-se o próprio espaço da colônia à trajetória de uma vida considerada nobre.

Todavia, esse lugar e sua potência para o enriquecimento da Geografia ou o apanhado geográfico desse lugar romantizado se constitui por uma relação complexa, se valendo, inclusive, daquilo que Tuan (2014 [1978]) trabalha como afeição à terra natal, com intenção de fugir de um habitat utópico, que é proveniente de um argumento que se coloca no espelho.

Suzuki (2010) apresenta também este viés de compreensão entre o que se trata de um sujeito real e um sujeito ficcional apoiado no que Theodor Wiesengrund Adorno (11 de setembro de 1903, Frankfurt, Alemanha – 06 de agosto de 1969, Visp, Suíça) afirma, recuperando “o significado universal de seu discurso, em que o sujeito poético representa um sujeito coletivo, diferenciando-se da pessoa privada do poeta” (SUZUKI, 2010, p. 247). Percebe-se, dessa maneira, dentro da obra uma voz lírica do autor conectado com seu personagem, para que, assim, exista e identificação do leitor para com a obra.

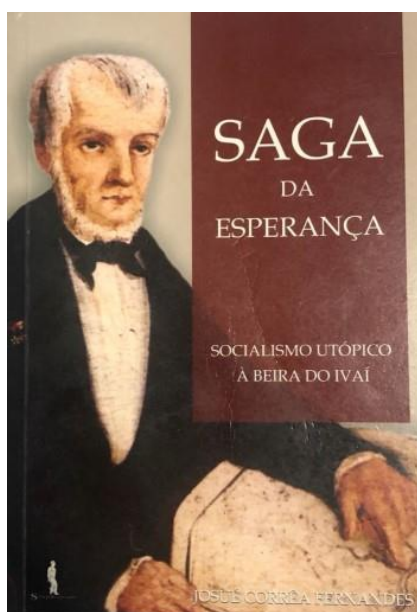
Portanto, a literatura é feita de percepções (TUAN, 2014 [1978]). Sendo assim, apresenta-se a partir de novas experiências, sendo fantasiosas ou buscando

representar o real, e a cada nova leitura, nós reconstituímos esta experiência, pois enquanto geógrafos em um trabalho que mescla a Literatura e a Geografia, acabamos por segmentar a realidade, criando imagens do mundo, assim como Tuan (2014) afirma que os geógrafos compõem e descrevem o espaço-tempo, tal qual os escritores de ficção.

1.2. Apontamentos sobre a obra

Em *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí* (Figura 01), o autor (Figura 02) narra em terceira pessoa – fazendo algumas intrusões além da narrativa para opinar e/ou comentar sobre os acontecimentos –, a construção da ideia do processo de criação da colônia utópica Tereza Cristina (século XIX) centrado na figura do personagem Jean Maurice Faivre (Figura 03), o qual como sujeito histórico foi um médico francês que veio ao Brasil no intuito de exercer a medicina. A obra apresenta como característica forte a intenção de união de história, mito, ficção e realidade, tornando a narrativa cativante, pois faz com que o leitor mergulhe na história do personagem principal (FERNANDES, 2006).

Figura 1 - Capa do livro *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à beira do Ivaí*



Org.: A autora (2021)

Figura 2 - Josué Côrrea Fernandes, Autor de *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à beira do Ivaí*



Fonte: Disponível em:

<<https://d.arede.info/advogados/241197/josue-correa-fernandes>>. Acesso em: 19 mar. 2021

Figura 3 - Jean Maurice Faivre, personagem de Saga da Esperança: Socialismo Utópico à beira do Ivaí



Fonte: Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-utopia-socialista-a-beira-do-ivai-0aubiagxjvu6f1iqa5ns7b4ni/>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

Para isso, “sabemos que o mito vive na fronteira da verdade e da mentira, da realidade e da fabulação, do sono e da vigília” (CELEDÓN; GIRÃO, 2012, p. 104) e é se utilizando desses pontos que em seis capítulos, Fernandes (2006) se propõe a contar toda a história, desde a origem do personagem Jean-Maurice Faivre, idealizador da Colônia, surgimento de projetos paralelos, como, por exemplo, a Academia Nacional de Medicina Brasileira, sua vivência em outros lugares do país, o retorno a França com o intuito de trazer concidadãos que acreditassem no seu sonho de fundar uma Colônia com mão de obra livre, até o decaimento da mesma, após o seu falecimento.

A narrativa apresenta em toda sua extensão de forma única os caminhos de Faivre, mas, podemos perceber a presença de outras personagens, como por exemplo, Dom Pedro II, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Robert Ader, além da mulher de Faivre, Anne Bricquelet Taulois, que, segundo Fernandes (2006), inspirou Jean-Maurice a seguir com a ideia de construir uma colônia utópica.

Como todo o enredo é tratado do ponto de vista de Josué Corrêa Fernandes (2006), em terceira pessoa, o que sabemos de todas as personas da narrativa, principalmente do personagem principal, é fruto do seu saber, fazendo com que a obra se torne uma espécie de tributo ao médico naturalista Jean-Maurice Faivre, originário

da comunidade rural Combe Raillard – França (FERNANDES, 2006) e que atualmente tem o seu nome de rua, na região central de Curitiba, iniciando no Colégio Estadual do Paraná (CEP), passando pela Reitoria da Universidade Federal do Paraná e terminando em frente à Rodoviária do município².

Na obra, o narrador apresenta Faivre como “um daqueles taumaturgos de barbas encanecidas e olhar perdido no horizonte, que caminha de aldeia em aldeia, falando sobre coisas óbvias que o povo esqueceu” (FERNANDES, 2006, p. 100), além de ser um médico e cirurgião competente (FERNANDES, 2006).

O personagem Faivre se volta a buscar sua realização de maneira exclusiva, após o falecimento de sua esposa, Anne Bricquelet Taulois, que em seu surgimento na narrativa é descrita como “filha do arquiteto e engenheiro civil francês, Pierre Louis Taulois, e da sua esposa, Caroline Zoé Pauline Bricquelet” (FERNANDES, 2006, p. 38), a qual, conhece Jean-Maurice em uma das reuniões de franceses moradores do Rio de Janeiro. Ela “gostava de ficar ouvindo as explicações que Jean-Maurice fazia” (FERNANDES, 2006, p. 38).

Assim, Jean-Maurice vai atrás do seu dever (concepção teleológica do tempo do personagem), fundar a colônia utópica que tanto almejou, pois a ausência de sua falecida esposa deixa-o “com o coração sangrando” (FERNANDES, 2006, p. 41), mas a “doce inspiração daquela que lhe enchera os dias de esperança e de otimismo” (FERNANDES, 2006, p. 41) fazia-o ir ao seu desejo. Mesmo que os valores sociais fossem hegemonicamente similares (o tempo de ambientação dos personagens e o tempo do autor), tendo como fulcro o papel da leitura, é possível questionar se não a própria imagem dos papéis sociais de homem e de mulher do autor que revestem o conteúdo narrativo das personagens.

Dentre os movimentos espaciais, o protagonista visita vários lugares antes de efetivamente encontrar o lugar imaginado, trabalha como médico para corte brasileira, em seguida se propõe a estudar a lepra, no estado de Goiás, uma doença que até então não se havia chegado a conclusões com relação ao seu tratamento e conseqüentemente sua cura. Assim, vivendo por dois anos nesse estado, Faivre retorna ao Rio de Janeiro e, em seguida, à França para viabilizar a realização de seu sonho.

² No município de Ponta Grossa o nome de Jean-Maurice Faivre também é utilizado em uma Unidade Básica de Saúde, localizada na região central da cidade.

Retornando ao Brasil, no ano de 1846, Fernandes (2006) denomina esse trajeto em sua obra como “De Paranaguá a Canaã (terra fértil prometida por Deus ao seu povo)”, uma referência claramente bíblica ao lugar utópico de seu personagem e, assim, encontraram um “lugar de boas terras, com fartos ervais nativos” (FERNANDES, 2006, p. 91), no mês de maio do ano de 1847.

E segundo Fernandes (2006, p. 99-100),

No ano seguinte à fundação já se percebia que a Vila Thereza não era um pequeno amontoado de cabanas, sem ruas traçadas e sem um plano preestabelecido de urbanização. Ao contrário, como pensara Jean-Maurice desde o início, dividiu-se perfeitamente a zona em que ficariam as residências com os quintais, com a rua à frente, daquela onde seriam erigidos os estabelecimentos de uso comum, para fiação do algodão e do linho, para o corte e beneficiamento de madeiras, além da olaria em que os colonos fabricariam telhas e tijolos com formas rudimentares.

Em alguns momentos, Fernandes (2006) deixa extremamente explícito sua admiração por seu personagem principal, utilizando-se de muitos adjetivos pra se referir a ele, o que representa uma projeção inconsciente do autor, o que faz com que a Literatura se torne real a ponto de trazer o humano para a obra.

Ligado a isso, construir o que Josué Côrrea constrói ao longo da obra como utopia está associado à esperança, e essa esperança caminha de maneira nítida a um ideal cristão, que é transpassado em suas linhas. Sendo assim, esse efeito de realismo que Fernandes (2006) se apropria ao contar sua história acaba por convencer seus leitores, uma vez que esta relação religiosa transparece ideais, havendo, assim, identificação, e por conseguinte convencimento, embora se saiba que a Literatura envolve aspectos técnicos, tal qual um trabalho de cunho acadêmico.

O narrador apresenta pontos que levam o leitor a pensar que tudo aconteceu de forma perfeita e lúdica, como o socialismo utópico demonstra ser, colocando breves descrições de Faivre para com pensadores precursores desta vertente do socialismo, por assim dizer. Contudo, Fernandes (2006) afirma que isso é altamente fantasioso e “de tudo quanto se expôs acerca das ideias de Faivre, verifica-se que elas, efetivamente, possuíam um condimento quimérico, utopístico, que se encaixava, porém, aos mais legítimos anseios de justiça social” (FERNANDES, 2006, p. 107).

E foi no ano de 1848 que ocorreram os primeiros abandonos de imigrantes que vieram com Faivre até sua colônia e que acabaram por ir aos povoados que

estavam se consolidando ao redor da utópica Tereza Cristina, como nos municípios de Castro, Guarapuava e Ponta Grossa, mas Fernandes (2006) afirma que isso não abalou a esperança e o otimismo de seu personagem.

As leis para um bom funcionamento da colônia eram inevitáveis. Para tanto, Faivre organizou algumas normas para os moradores e também forasteiros que chegavam até lá, uma vez que ele precisava por várias vezes dirigir-se ao Rio de Janeiro, a Curitiba e outras comunidades ao redor. A principal das leis era a proibição de escravos para que todos fossem tratados de forma igualitária o tempo todo, e Jean-Maurice “conseguiu conduzir sem atropelos, por onze anos, a Colônia que surgiu do nada, nos sertões impenetráveis do Paraná” (FERNANDES, 2006, p. 150).

A narrativa até o quinto capítulo é marcada por todas as idas e vindas do personagem Jean-Maurice Faivre, até sua morte, que acontece no ano de 1858, devido a malária, uma “moléstia que contraíra nos sertões do Tibagi” (FERNANDES, 2006, p. 182).

Partindo, então, ao fim, no qual se tem o sucessor de Faivre, seu sobrinho Gustavo Rumbelsperger, que estava a par de todos os acontecimentos do lugar utópico sonhado por seu falecido tio, contudo, os ideais foram deixados para trás, mas no que pôde, buscou honrar “o mestre em tudo aquilo que fez, deixando, também, o sinal luminoso das grandes almas, como exemplo e como estímulos a outras gerações” (FERNANDES, 2006, p. 206). No texto laudatório, o autor ainda incorpora a sua narrativa, os elogios à saga ao lugar imaginado, mítico e utópico de Jean-Maurice Faivre.

Por sua vez, Tereza Cristina, hoje existente como um Distrito (pertencente ao município de Cândido de Abreu no Estado do Paraná) - não podemos afirmar de maneira científica se é devido à utopia de Faivre - está marcada no mapa como uma pequena vila, esquecida por autoridades e distantes de centros urbanos. Contudo, a proposta deste trabalho é realçar a tese que o “Socialismo Utópico à Beira do Ivaí” é constituído no texto de Fernandes (2006) a partir do argumento da topofilia, em que o lugar não é em si a ambientação da narrativa, mas o retorno às origens de Faivre, forjando um “mito de lugar”. De acordo com Shields (1991), o mito de lugar se estrutura na seleção de imagens sínteses (simplificação), criação de estereótipos e a idealização do autor “biógrafo”; A Saga como realização do ato heroico. Portanto, o lugar imaginado ao personagem é figurado no movimento narrativo entre a chegada

ao ambiente edílico e a partida do ambiente de “origem” em que os sonhos utópicos foram idealizados.

Sendo assim de acordo com Silva (2019, p. 11),

Esse modelo de colonização seguia os padrões da política de colonização adotada no Segundo Reinado. Considera-se que a Colônia Thereza Cristina foi um grande empreendimento particular projetado e implementado pela administração do governo Imperial, portanto, a formação da Colônia fazia parte das políticas de colonização e não de um modelo utópico.

A partir desta narrativa, podemos sim imaginar dezenas de outras propostas e veracidade, pois de acordo com Pocock (2014, [1981]) um número de capítulos e/ou versos tem o poder de criação e imaginação de novas realidades, e elas podem ser infinitas. Portanto, apresentada a estruturação da obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), caminha-se para entender como se constrói o diálogo entre os campos da Literatura e da Geografia, ponto essencial do presente trabalho.

Assim, a chegada deste livro no trabalho é fruto de novos entendimentos e questões, pois a construção de lugar na narrativa de Fernandes (2006) pode perpassar por muitas interpretações, e estar produzindo a presente pesquisa se constitui em uma possibilidade.

1.3. Uma versão sobre a relação entre a Literatura e a Geografia

Entender a relação entre duas áreas consolidadas do conhecimento como a Geografia e a Literatura é deveras desafiador, pois, essa ligação entre áreas “são dois discursos postos a discutir em um processo interdiscursivo não hierárquico” (MARQUES, 2014, p. 19). Compreende-se, então, a literatura como um instrumento de apoio para o estudo e o conhecimento geográfico (HOLZER, 2020).

Conforme Sarlo (1991, p. 31),³

La literatura, en ocasiones, trabaja con los residuos de los saberes y, en otros momentos, coloca a los saberes en su mismo centro. No existe relación estable con ellos salvo que pueda pensarse que la literatura permanece al margen de los cambios históricos.

³ A literatura, às vezes, trabalha com os resíduos de conhecimento e, em outros momentos, coloca o conhecimento no centro. Não existe uma relação estável com eles, a menos que se possa pensar que a literatura permanece fora das mudanças históricas (SARLO, 1991, p. 31. Tradução nossa).

Assim, enxerga-se o saber histórico, e se entende que nesta pesquisa a literatura não funcionará como fonte histórica. Não seremos literais em tratar a obra de Josué Corrêa Fernandes (2006) como verdade absoluta, mas se sabe que foi criada uma entidade ficcional para essa narrativa, pois lugares reais e imaginados se diferem.

Sarlo (1991) em seu texto *Literatura e História* exemplifica utilizando a ocupação de historiador que a Literatura não pode ser lida deixando de lado sua estética, ou seja, “el historiador no debe ler la solo como depósito de contenidos e informaciones” (SARLO, 1991, p. 33)⁴. Agora, trazendo ao saber geográfico, isto funciona da mesma maneira, o geógrafo enquanto pesquisador, ao trabalhar aliado à Literatura, não deve se ater e considerar que a literatura é uma fonte única do conhecimento.

Sendo assim, este trabalho não carrega o intuito de se fundir em uma crítica literária, para isso, compreendemos a obra de Fernandes (2006) como ficcional, pois traz para a narrativa a vivência de uma pessoa que sim, existiu. Mas, como já salientado, nosso objetivo não é tratar dela e tampouco do espaço empírico em que ele viveu, e sim, de espaço e existência ficcional, ou seja, o lugar ficcionalizado e de sua existência enquanto entidade ficcional.

Pocock (2014 [1981]) afirma que a literatura foi recentemente abraçada por geógrafos que buscam uma nova alternativa dentro do estudo e relação homem-natureza, uma vez que a “literature illuminate all, and many disciplines concerned with man make use of its insights” (POCOCK, 2014 [1981], p. 09).

Conciliando-se fortemente com o que Holzer (2020) discorre, que a geografia humanista sempre transpareceu interesse na utilização da literatura, com o intuito de apresentar o uso e representação do lugar. Dessa forma, a leitura hermenêutica da narrativa de Josué Corrêa Fernandes (2006) tornou-se importante, pois caminha-se para um viés de compreensão da paisagem, do lugar narrativo e ficcionalizado.

Douglas Pocock (2014, [1981]) alimenta seu pensamento ainda com a ideia de que o geógrafo, em seu compromisso com a literatura, busca, através do seu estudo de lugar, variar na linha tênue existente entre a representação da paisagem e a existência/condição humana.

4 O historiador não deve lê-lo apenas como um repositório de conteúdo e informações” (SARLO, 1991, p. 33. Tradução nossa).

Tuan (2014 [1978]) nos assevera, ainda, que existem dois tipos de literatura: a “literatura” pura e simplesmente, e a “literatura geográfica”, e que as duas são severamente geográficas, justamente por abordarem pontos aqui já tratados e que são discutidos também por Pocock (2014, [1981]), o espaço, o lugar, a natureza e o ambiente.

Assim, deve ser levado em consideração que esta leitura da obra foi feita por uma geógrafa e, portanto, traz um olhar e um peso geográfico para a compreensão da narrativa, fazendo novas apreciações e que corroboram para o crescimento desta área, entendendo, nessa medida, a ciência geográfica como dialógica.

Assim, Pocock (2014 [1981], p. 10)⁵ considera,

To reiterate, the difference between the literary critic and geographer is that the former is ultimately concerned with the totality of the literary work, the geographer with his particular them e of study. Before turning to particular perspectives and types of literary engagement by geographers, further comments on the nature of literature and literary revelation may prove helpful.

Portanto, se trata da leitura da experiência reconhecendo como “arranjo de lugares” que se fundamentam em termos de percorrer esta experiência a partir do argumento do autor (Josué Corrêa Fernandes), do personagem (Jean-Maurice Faivre), no sentido de estruturação do lugar narrativo de uma empirização de uma história vinculada à ideia de utopia.

Assim, entende-se alguns argumentos importantes no texto de Fernandes (2006), o primeiro é o valor da canonização inerente ao texto literário e o discurso de autoridade que o autor se utiliza a partir do momento que apresenta as fontes históricas.

O texto quer narrar uma grandeza, uma epopeia na criação de Tereza Cristina, sendo assim, não tem a ver com a narrativa de uma história “real”, mas com a idealização deste ato heroico, em que alguns elementos são a própria ideia de superação do estrangeiro, do habitar um novo lugar, forjando um arranjo que é proveniente do argumento de validação do discurso de Josué Corrêa Fernandes (2006), que é o reconhecimento que existe na formação intelectual de Faivre e de

5 Para reiterar, a diferença entre o crítico literário e o geógrafo é que o primeiro se preocupa em última instância com a totalidade da obra literária, o geógrafo com suas particularidades e de estudo. Antes de se voltar a perspectivas e tipos particulares de engajamento literário dos geógrafos, comentários adicionais sobre a natureza da literatura e da revelação literária podem ser úteis. (POCOCK, 2014 [1981], p. 10. Tradução nossa).

todos os autores que irão fundamentar a razão na organização social, que é essa razão utópica.

Nessa medida, o espaço para a literatura caminha para entender seu lugar com relação à obra já citada, pois de acordo com Dardel (2011, p. 89), devemos:

Compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal como insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino.

E, portanto, pensar na formação do imaginário e da imaginação, considerando toda a forma de ficção que Fernandes (2006) apresenta ao seu leitor, “nos dá a condição de imaginar e viver um mundo antes ficcional e agora real” (PALHARES, 2020, p. 351), aplicando-os à ciência geográfica remete, em primeiro lugar ao papel da geografia e a percepção de que realmente existe o encaixe do diálogo entre as áreas.

Sendo assim, a Geografia toma seu lugar também como uma análise de experiência humana e Claval (2014, p. 238), confirma que,

Fazer da geografia uma análise da experiência humana é voltar-se para a maneira como o indivíduo toma consciência daquilo que é, através os lugares onde vive, das paisagens que lhe são familiares e daquelas onde se sente à vontade, das ruínas que lembram o passado e dos equipamentos que convidam a ver o futuro.

Experienciar os lugares, portanto, é uma via importante para entender esta construção entre a Literatura e a Geografia, e aqui levamos em consideração a experiência para com o espaço de ficção, o espaço narrado.

Além disso, Freitas (2019, p. 19) afirma que a Literatura é um “recurso fundamental para compreensão do espaço”. Compreende-se, assim, um espaço que aqui é imaginado, mítico, a colônia utópica do personagem Jean-Maurice Faivre, pois “a geografia se destaca a partir das essências de mundo, de lugar, de espacialidade” (HOLZER, 2020, p. 148). E “por mais racional e objetiva que o autor pretenda que seja a sua obra, como ocorreu no momento de maturidade da literatura modernista, os lugares outorgarão os espaços” (HOLZER, 2020, p. 148).

A presença de dois modos de escrita também é passível de diálogo, pois teremos esta necessidade, a escrita científica e a escrita literária, discutidas por Tuan

(2014 [1978]), uma vez que o trabalho acadêmico, em si, trará respostas, se utilizará de fatos para suas considerações, enquanto que a Literatura vem trabalhando a partir de metáforas, recortes de uma realidade idealizada.

Dessa forma, a literatura pode servir ao geógrafo em três sentidos, de acordo com Tuan (2014 [1978]). A primeira como uma experiência de percepção, a segunda como reveladora de percepções e a terceira como equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo.

A experiência do pensamento dentro desta construção de ideias vai nos levar ao caminho de novas possibilidades, no sentido de que a cada nova leitura, será refletido um ideal/parecer diferente, pois o leitor está em uma constante mudança, consequentemente aberto a novos olhares.

Toma-se como exemplo o próprio objeto central desta pesquisa, a obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), a qual tem um potencial de exploração por diversos caminhos, inclusive, múltiplos campos do conhecimento, observa-se pelo trabalho de Ferreira (2019), que utiliza o livro em questão como uma fonte imaterial do patrimônio cultural de Tereza Cristina, e que no presente trabalho explora os argumentos geográficos da narrativa ficcional.

Assim, se constroem as experiências de pensamento, o primeiro caminho apontado por Tuan (2014 [1978]). Em uma linha tênue a este processo, encontramos a revelação das percepções que pode ser compreendida por esses novos olhares e experiências que o leitor tem para com a arte literária, especificado no parágrafo anterior, porque no momento em que o sujeito se coloca em posição de mudança de pensamento, o mesmo vai em direção a uma nova percepção.

Agora, dentro destes dois processos, buscamos no caminho do equilíbrio entre subjetividade e objetividade relacionar o real e o ficcional, já que após a experiência para com o pensamento, tem-se a nova percepção. Entendemos que a literatura caminha nestes dois pontos, uma vez que com a sobreposição de novos saberes, a objetividade e subjetividade acabam por oscilar em suas posições. Existindo também, em certa medida, na obra de Fernandes (2006) esta mudança entre o real e o ficcional, pois, durante a leitura, o sujeito leitor pode se encontrar em percepções e experiências que o coloquem nesta linha tênue e o façam caminhar entre a história, o mito, a ficção e a realidade ao mesmo, isto é, sem a segmentação inerente ao exemplo temático exposto neste momento.

Assim, intencionalmente destacamos três movimentos espaciais dentro da narrativa de Fernandes (2006) para compreender não só o argumento da toponímia, mas também o mito de lugar constituído a partir do personagem principal Jean-Maurice Faivre, e esta distribuição consiste em entendermos a “Saga”, o “Socialismo Utópico/Esperança” e o “Rio Ivaí”.

Estes pontos de partida surgem para compreendermos desde o ato heroico do personagem Faivre até o lugar mítico e possivelmente imaginado por ele, a busca de um paraíso terreno, ideal de distribuição de riquezas. Outro ponto discutido por Sarlo (1991), ao pensar os saberes que constituem as narrativas literárias, escrevendo sobre sociedades distintas, no que se refere à criação de um imaginário coletivo e os novos desejos de organização social do mundo.

Assim, este estudo traz novas formas de se experienciar um lugar, um lugar narrativo. E a relação entre esses dois campos de estudo se cruzam exatamente neste nó, o da experiência para com o lugar, seja ele desconhecido, ou para um reconhecimento a partir também de novas experiências em diferentes narrativas.

Capítulo 2 – Movimentos na narrativa de Josué Corrêa Fernandes

O propósito da construção textual neste segundo momento caminha em direção à compreensão da obra em debate, tendo em vista a seleção de três movimentos espaciais identificados dentro da obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), a partir do título da narrativa. O primeiro denominado “Saga”, para pensar o heroísmo do personagem Jean-Maurice Faivre em idealizar uma colônia utópica, ou seja, o espaço como dimensão da descoberta do novo. Em segundo lugar, “Socialismo utópico e esperança”, no intuito de demonstrar como se desenvolveu essa ideia, fazendo um paralelo com obras de cunho ensaístico, como “A Cidade do Sol” e “A utopia”, de Tommaso Campanella e Thomas Morus, respectivamente, o movimento do espaço como a possibilidade de um ordenamento de mundo idealizado na razão.

Por fim, o movimento “À beira do Ivaí” refere-se ao sentido de um lugar imaginado para fundação da colônia pelo personagem principal da obra, em que o espaço é constituído pela lugaridade, uma vez que a obra produz um sentido de realização do desejado e sonhado em uma terra natal (o utopismo na/da França) se fundindo com o paraíso da colônia ordenada pela lei, disposição das habitações, entre outros aspectos em que o próprio Rio Ivaí se realiza como uma espécie de abundância, representada na água, tal como a outras recorrências aos símbolos cristãos no argumento consciente do autor.

2.1. A *Saga* como realização do ato heroico

Pensar no conceito de herói é entender que ele está “intimamente ligado à sociedade que o criou, à época de sua criação. Isso porque as qualidades inerentes a um determinado herói devem estar intimamente ligadas aos valores de sua época e às necessidades de um povo” (VALLE; TELLES, 2014, p. 01).

Inicia-se, assim, o trajeto para entendermos o personagem Jean-Maurice Faivre na obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), pois, na medida que se escreve sobre ele, aproxima-se do mito de herói, e para isso dialoga-se com esses pontos importantes, se utilizando do termo que mais nos chama a atenção na capa da narrativa, a “Saga” vivida por Faivre, e assim busca-se compreender esta utopia vivida pelo personagem.

Neste sentido, se expõe a obra a partir do conceito de *paracosmos*, discutida por Gloria García Rivera, que pode ser entendido como um mundo criado, inventado, portanto, “los paracosmos son paradigmas de juegos de ficción, que no precisan objetos, juguetes, pues el juego no se realiza solo con juguetes, sino a menudo es una actividad mental, inmaterial” (RIVERA, 2013, p. 554)⁶.

O conceito pode ser compreendido como uma “hibridación de generos” (RIVERA, 2013), que no caso da obra em questão, pode-se claramente relacionar e dialogar com o que já foi exposto anteriormente e, ao mesmo tempo, tratar a obra apenas como ficcional, sustentada pelo argumento de Iser (1999), no qual o autor afirma que é impossível concluir que o ficcional é exatamente como sua definição, indicando um problema metodológico, e “como não há definições ontológicas nem do fictício, nem do imaginário, só podemos apreendê-los mediante uma descrição operacional de suas manifestações” (ISER, 1999, p. 67).

Neste ponto de formas de manifestações do fictício, Iser (1999, p. 70) entende que,

O fictício depende do imaginário para realizar plenamente aquilo que tem em mira, pois o que tem em mira só aponta para alguma coisa, alguma coisa que não se configura em decorrência de se estar apontando para ela é preciso imaginá-la.

Mas o fictício também “compete o imaginário a assumir forma” (ISER, 1999, p.70), forma essa que entendemos aqui como a obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), uma vez que o livro faz exatamente o que Iser (1999, p. 70) sugere com a ativação do imaginário, pois “a imaginação, como se sabe, não é um potencial auto-ativável”, e de acordo com Garcia (2013), a construção dos imaginários são pontos importantíssimos para entendermos as sagas.

E Fernandes (2006, p. 62) pontua,

Em seu poder, guarda o esboço do que imagina venha a ser a Vila Agrícola Thereza: casas de dois andares, onde deverão residir por volta de vinte famílias, localizadas em lotes cercados, com ampla horta nos fundos e rodeados de árvores frutíferas. Dez unidades dessas habitações coletivas, constituem o núcleo da Colônia. Quase no centro da comunidade, uma pequena fonte d'água e, à direita, a Igreja e o presbitério, seguidos de amplo prédio destinado à escola, à biblioteca e a laboratórios de história natural,

⁶ Os paracosms são paradigmas de jogos fictícios, que não requerem objetos, brinquedos, porque o jogo não é jogado apenas com brinquedos, mas é frequentemente uma atividade mental, imaterial” (RIVERA, 2013, p. 554. Tradução nossa).

física, química e outros. Ao fundo, próximo às barrancas do Rio Ivaí, os demais estabelecimentos: a serraria, o moinho de cereais, a casa de fiação e a olaria. Mais à esquerda, a ampla área reservada ao cemitério. E ao longe, enlaçando a povoação, as terras destinadas à agricultura, cortadas pelo serpejante Ivaí...

Compreender, portanto, essas colocações é fazer com que o paralelo entre as áreas estudadas nesta pesquisa se aproximem, pois na Literatura existe a forte presença da imaginação e não obstante do fictício. E na Geografia não acontece de maneira diferente, claro que em proporções distintas, entretanto, são passíveis de diálogo, como pontua Iser (1999, p. 75),

Sem o imaginário, portanto, o fictício não passaria de uma forma de consciência vazia. E sem o fictício, o imaginário não poderia aparecer como contraposição. Visto ser um meio, o fictício permite ao imaginário expandir-se como decomposição e “possibilitação” simultâneas, sem, contudo, exercer um controle sobre o que é produzido nessa dualidade, nessa contraposição.

Além disso, cabe salientar que a obra faz parte de um conjunto de livros, isso justifica-se também com a utilização do termo “Saga” em seu título⁷. As sagas são, de acordo com o *Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura* de Garcia (2013, p. 604),

[...] una palabra de origen noruego que viene del verbo seiga, ‘contar’ y que cobra pleno valor como composición cuando los islandeses desarrollan un género de narración oral breve basado em el recitado de hechos memorables para la comunidad, genealogías, etc.

Garcia (2013) também afirma que não cabe dizer que as sagas se limitam à linguagem única de um livro, mas sim a um ‘continuum’ de obras, que discorre sobre uma determinada narrativa a partir de diferentes volumes. As sagas, portanto, ficcionalizam histórias reais ou simplesmente inventam um novo mundo com heróis e vilões. Nesse ínterim, as sagas são imperativamente geográficas, pois, não só criam mundos, como os criam a partir de um imaginário, e o desejo consciente de

⁷ A obra que compõem essa narrativa juntamente com o objeto de pesquisa deste estudo é intitulada de *Saga da Esperança: Trajetória de Jean-Maurice Faivre*, publicada pela editora Planeta, em 1996.

determinados autores, no caso em tela, como veremos adiante, se trata de uma projeção de um lugar sustentado em um *tipo ideal* socialista.

No caso específico da narrativa de Fernandes (2006), o autor constrói seu personagem recorrendo fortemente à construção de uma memória social de Jean-Maurice Faivre, a qual se relaciona supostamente com as experiências vividas pelo sujeito histórico. Em termos ficcionais, a saga do herói e as imagens de lugar se fundamentam ao prazer estético afirmado por Tuan (2015), apresentando também a dependência de um indivíduo que vive e trabalha junto à terra, tal qual Jean-Maurice Faivre e seus concidadãos praticam no ambiente em que a narrativa de Fernandes (2006, p. 21-22) é construída.

No ambiente bucólico e contemplativo que dominava a pequena Combe Raillard, engastada entre a extensa cadeia de montanhas que separava a França da Suíça. Jean-Maurice aprendeu as primeiras lições de solidariedade e de respeito ao próximo. Vivendo, como vivia, numa região em que as terras agricultáveis eram escassas e, por isso, obrigatório o auxílio mútuo entre os habitantes, desde os primeiros dias, portanto, já percebera que, ao homem, nada era impossível quando existia vontade; e que para se agradecer o dom da existência, todos os desafios tinham que ser enfrentados, vivendo-se a plenitude dos ideais.

O espírito liberal que, no futuro, assumiria contornos claros e definitivos em Jean-Maurice Faivre, aflorava de modo voluntário, como parcela imanente de seu caráter, forjado no berço que Pierre e Marieanne embalaram. [...] Aferrado aos estudos, Faivre foi, aos poucos, dando contornos à personalidade marcante que o caracterizaria, mais à frente, como um verdadeiro filósofo da medicina, concebendo a profissão como simples meio de tornar felizes os semelhantes.

Sendo assim, temos um arquétipo de herói e sua capacidade principal está em dar-se em nome do bem estar de todos (VALLE; TELLES, 2014), e isto é perfeitamente visível na obra destacada aqui, na qual Fernandes (2006) faz um tributo ao homem que, para ele, foi de suma importância, trazendo-o para a ficção, tornando tangível o conceito de sobrevida da personagem, que Carlos Reis (2018), apresenta em seu livro *Pessoas de Livro: Estudos sobre a personagem*.

Segundo Valle; Telles (2014, p. 03-04),

Nas obras literárias e nos filmes de ação, estes arquétipos são personificados, preferencialmente, pelo protagonista. É ele que vai conduzir a história aos olhos do espectador. O desenvolvimento da trama está pautado nas ações do herói perante o ambiente que lhe é apresentado e no resultado destas ações. Portanto, para um roteiro ser bem aceito pelo público, é preciso que este tenha uma identificação com o herói. Quanto mais humana a feição do seu herói, mais provável será a identificação. É preciso que ele tenha

qualidades louváveis e desejadas pelo espectador e ao mesmo tempo possua fraquezas que o tornem mais humano possível.

A história é conduzida trazendo o ponto de vista do autor a respeito de todas as ações de seu herói, conduzindo seu leitor a imaginar um acontecimento perfeito, trazendo o que Valle e Telles (2014) falam sobre a identificação, pois, Jean-Maurice Faivre, enquanto personagem ficcionalizado, sai de sua terra natal e vai em busca de suas realizações; seu maior desejo é de fazer e trazer o bem estar ao seu próximo.

Assim, Valle; Telles (2014, p. 04) reiteram que,

Com o herói sendo o protagonista, o roteiro se torna um relato de aventura deste. Uma jornada onde ele deixa seu mundo comum e cotidiano e parte para novas descobertas e desafios. O estímulo para esta jornada é a mudança de algo em seu mundo comum fazendo com que ele parta para buscar a restauração deste, ou por uma insatisfação em seu mundo parta para provocar uma mudança. Em ambos os casos o motivo da jornada é a falta de alguma coisa. O herói se sente incompleto e vai à busca de sua plenitude. O resultado é a transformação do próprio herói.

Essa transformação ocorre com o personagem em *A Saga da Esperança*, pois desde seu início já existe a proposta de aventura que o próprio título entrega, e no decorrer da narrativa ocorrem os infortúnios, mas como em todo enredo a bem-aventurança chega. Nesse sentido, a obra caminha no intuito de um heroísmo, criando, assim, a imagem de um mito de herói, pois Faivre faz uma viagem na busca de construção do ato heroico. E Fernandes (2006, p. 23), confirma,

Em seu âmago, porém, tinha convicção de que muitas coisas precisavam ser mudadas, para que o homem, independentemente da condição social, conseguisse viver com dignidade e respeito, em se atrelar, de forma coercitiva, à autoridade ilimitada de quem que fosse. E os bens, a terra principalmente, não podiam ficar concentrados nas mãos de poucos que, do alto dessas posições, tornavam-se senhores da vida e da morte dos desafortunados. O solo, com os recursos naturais, era um donativo de Deus que devia ser distribuído de acordo com as necessidades das pessoas; e os homens, ao invés de lutas fratricidas em busca de poderio passageiro e de riquezas voláteis, careciam meditar sobre o caminho seguro da felicidade, que o amanhã de um pedaço de terras fornecia. Nisso, tinha certeza, que estava o segredo da ventura e da paz.

Nesse ínterim, o Homem herói e a Terra também se configuram em capítulo da História da Geografia, tal qual aponta a interpretação da obra de Eric Dardel (2011), tecida por Nabozny (2012, p. 63)

A Geografia Heroica configura uma Geografia da curiosidade dada aos desbravadores, a aventura, ampliação da morada terrestre. De um lado, o herói, de outro, um mundo que brinda as atitudes heroicas. É um conceito

contrário à ideia da Terra como produto coletivo, essência da Geografia mítica, a Terra da Geografia heroica é aberta do subjetivo.

Por sua vez, a Geografia heroica de Faivre não se configura propriamente na descoberta de um novo ambiente terrestre, mas na proposta argumentada por Fernandes (2006) de uma nova forma de habitar a Terra. A esperança e o novo ganham contornos míticos na transição entre os ideais de organização social, a trajetória (topofilia) do personagem e ambientação desafiadora.

Todavia, esse lugar e sua potência para o enriquecimento da Geografia ou o apanhado geográfico desse lugar romantizado se constitui de uma relação complexa, se valendo daquilo que Tuan (2014) trabalha com a afeição à terra natal com intenção de fugir de um habitat utópico que é proveniente de um argumento que se coloca no espelho.

2.2. Socialismo utópico e esperança

Tendo em vista que o personagem Jean-Maurice Faivre admirava um dos precursores da vertente socialista utópica, o pensador Charles Fourier (Besançon, 7 de Abril de 1772 – Paris, 10 de Outubro de 1837), que os moldes de sua colônia foram pensados, Fernandes (2006), a partir de uma visão sociológica, entende os anseios de seu personagem na instituição de sua colônia.

Assim, pensar em obras de cunho ensaístico nos ajudam a dialogar com a narrativa de Josué Corrêa Fernandes, uma vez que elas não estão fundamentadas no caráter essencial do socialismo científico, conhecido na cronologia escolar, por exemplo.

Jean-Maurice Faivre, desde o início da obra, é apresentado como um homem sonhador. Fernandes (2006, p. 23) o descreve a partir da certeza que seu personagem tinha de que “muitas coisas precisavam ser mudadas, para que o homem, independentemente da condição social, conseguisse viver com dignidade e respeito, sem se atrelar, de forma coercitiva, à autoridade ilimitada de quem quer que fosse”. Além de que segundo Fernandes (2006, p. 23),

[...] os bens, a terra principalmente, não podiam ficar concentrados nas mãos de poucos que, do alto dessas posições, tornavam-se senhores da vida e da morte dos desafortunados. [...] e os homens, ao invés de lutas fratricidas em busca de poderio passageiro e de riquezas voláteis, careciam meditar sobre o caminho seguro da felicidade, que o amanhã de um pedaço de terras fornecia.

É com muitas palavras de afirmação que se percebe o anseio de Fernandes (2006) em repassar ao leitor qual era o plano de seu personagem Faivre, em como ele mesmo descreve “reformatar o mundo”. Quase que na intenção de criar uma cidade/colônia/comunidade ideal, que é exposta em obras como “A Utopia” de Thomas Morus (1989 [1516]) e “A cidade do Sol” de Tommaso Campanella (2014 [1602]).

São essas narrativas de ensaio que fazem um paralelo para uma discussão tangível com relação ao personagem Faivre e seu “socialismo utópico à beira do Ivaí”, uma vez que o propósito dessas leituras são apresentar cidades ideais para a vivência da sociedade, escritas entre 1.500 (D.C) e 1.600 (D. C), portanto, não são obras contemporâneas, mas contemplam pensamentos acerca do assunto em questão neste subcapítulo.

Em *A Cidade do Sol*, Campanella apresenta uma cidade onde tudo era organizado milimetricamente, e os moradores utilizavam a razão para organizar suas vidas. A ideia de que a propriedade privada criaria o egoísmo nos homens era predominante, justamente porque ela os incentivaria a lutar para obter mais propriedades; o clássico: quanto mais se tem, mais se quer. E por isso todos os bens de produção eram comuns, sendo assim, “todos determinaram, então, começar uma vida filosófica, pondo todas as coisas em comum” (CAMPANELLA, 2014 [1602], p. 12).

A relação estabelecida para com a narrativa, objeto de estudo, é dentro da criação de uma utopia, pois Fernandes (2006, p. 101) continua,

[...] em rumo mais ou menos paralelo, lembram que Jean-Maurice, fiel às ideias reinantes na primeira metade do século 19, bem poderia estar encampando as ideias do socialismo utópico, apregoadas por Saint-Simon e Charles Fourier, havendo inclusive suspeitas de um contato mais direto entre ele e esses pensadores, seus contemporâneos em Paris.

Entretanto, Fernandes (2006) afirma que seu personagem não seguiu nenhum desses princípios de maneira restrita. Segundo ele, Faivre “não foi, por isso, um ideólogo do saint-simonismo ou do fourierismo, muito embora, em suas ações e em seus manuscritos, percebam-se alguns pontos de contato com tais doutrinas” (FERNANDES, 2006, p. 102).

Na Cidade do Sol de Campanella é possível ver que “o trabalho é distribuído de modo que nunca possa ser nocivo à pessoa, mas ao contrário, deva torná-la e conservá-la melhor” (CAMPANELLA, 2014 [1602], p. 32), ideia também adotada pelo personagem Jean-Maurice Faivre, quando após a criação de sua colônia, estabelece normas para o bom convívio de todos. “Aliás, não cansava de lembrar aos companheiros que, entre eles, não havia primeiro nem último; todos eram iguais e ninguém seria desprezado por ignorância ou pobreza. As chances eram as mesmas para todos” (FERNANDES, 2006, p. 145).

Além disso, a proibição de cativos nos limites da Colônia traz mais uma conformidade com a proposta deste subcapítulo, uma vez que o personagem Faivre se propõe a traçar a ordem de interdição de escravos para que nas palavras de Fernandes (2006) pudessem construir “a cidade da esperança”. E Fernandes (2006, p. 145-146) continua ainda,

Se alguém teimasse em entrar na Vila Agrícola, trazendo escravos, muito embora as leis vigentes no País contemplassem aquela situação, decorrido um ano e um dia ficava extinta a relação servil. Tratava-se assim, da exceção criada por Faivre e acatada pelas autoridades, transformando a Colônia em legítimo oásis de dignidade e respeito à condição humana, numa época dura em que as grandes fortunas se assentavam nos músculos e no suor dos escravos; quando, ainda, a abolição irrestrita, sancionada pela Princesa Isabel, encontrava-se distante quase meio século.

O autor narra as atitudes de seu personagem reforçando ainda mais esse cunho utópico e esperançoso que Campanella (2014 [1602], p. 13) e Morus (1989 [1516], p. 47) respectivamente, trazem em suas obras, como, por exemplo,

[...] embora ninguém possa receber favores particulares, porque todos obtêm da comunidade o necessário e os magistrados velam para que ninguém receba mais do que merece (sem que nunca o necessário lhe seja negado) [...]

A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres, zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que, para aumentar seus rendimentos, mandam cultivar suas terras, escorchando os reideiros até à carne viva.

Assim, aqui se faz necessário uma breve distinção entre Thomas Morus (1989 [1516]) e Tommaso Campanella (2014 [1602]), pois na obra “A Utopia” está presente uma contradição: a presença de escravos, mesmo que existissem fatores diferentes da escravidão lograda na Europa.

Ainda que exista esta diferenciação entre as narrativas em paralelo, elas continuam próximas do que Fernandes (2006) trata, pois, o autor descreve normas para a vivência na Colônia e dentre elas existe a semelhança para com Morus (1989 [1516]), onde os escravos estrangeiros tornam-se livres ao chegar na terra.

Além disso, na realização do ideal do personagem Faivre na narrativa de Josué Corrêa Fernandes (2006), muito se utilizou da agricultura, um trabalho constantemente vivido e exemplificado na obra de Campanella, pois: “grandemente valorizada é a agricultura: cada palmo de terra dá lucro” (CAMPANELLA, 2014 [1602], p. 32).

A visão social do personagem Faivre, portanto, se cruza com as narrativas aqui exemplificadas, trazendo à frente como surgem os imaginários sociológicos a respeito da ocorrência real ou não destas cidades. Assim, é a partir desse âmbito que Josué Corrêa Fernandes (2006) entende a pretensão de seu personagem Jean-Maurice Faivre na criação de sua colônia.

Charles Fourier e Conde de Saint-Simon (Paris, 17 de outubro de 1760 – Paris, 19 de maio de 1825) foram pensadores que se dirigiam a pensar na realização da utopia por e a partir da história (GALLO, 2009). Walter (2011), afirma que as reflexões vindas de Saint-Simon eram baseadas em uma ciência positiva e do homem, no sentido de compreender seu papel dentro da sociedade. E Gallo (2009, p. 249) entende que,

[...] na escrita de Fourier existe também um retrato de mundo diferente do mundo que é, porém para ele nada ali há de ficção, mas uma realidade de um duplo do real, sua essência, sua consistência que fora impedida de concretizar-se.

Em consulta ao trabalho de Ivone Gallo (2009), Charles Fourier busca a partir da metafísica e da analogia, explicar contradições do real. Assim, no século XIX, percebe-se que o socialismo utópico tinha uma conotação negativa, no sentido de algo impossível de se realizar (GALLO, 2009), embora Fernandes (2006) cite Saint Simon e Charles Fourier como autores que influenciaram a perspectiva utópica de seu personagem Faivre, é também possível perceber que há uma linha de relação com o utopismo clássico na literatura, como citado Thomas Morus e Tommaso Campanella, especialmente pelo modo de divisão dos produtos da terra, da agricultura através do acesso ao trabalho, haja visto que era uma colônia agrícola.

Assim, o que Saint-Simon buscava dentro de seu pensamento utópico “não era a substituição da classe em ascensão no poder, mas sim a destruição deste poder” (WALTER, 2011, p. 28).

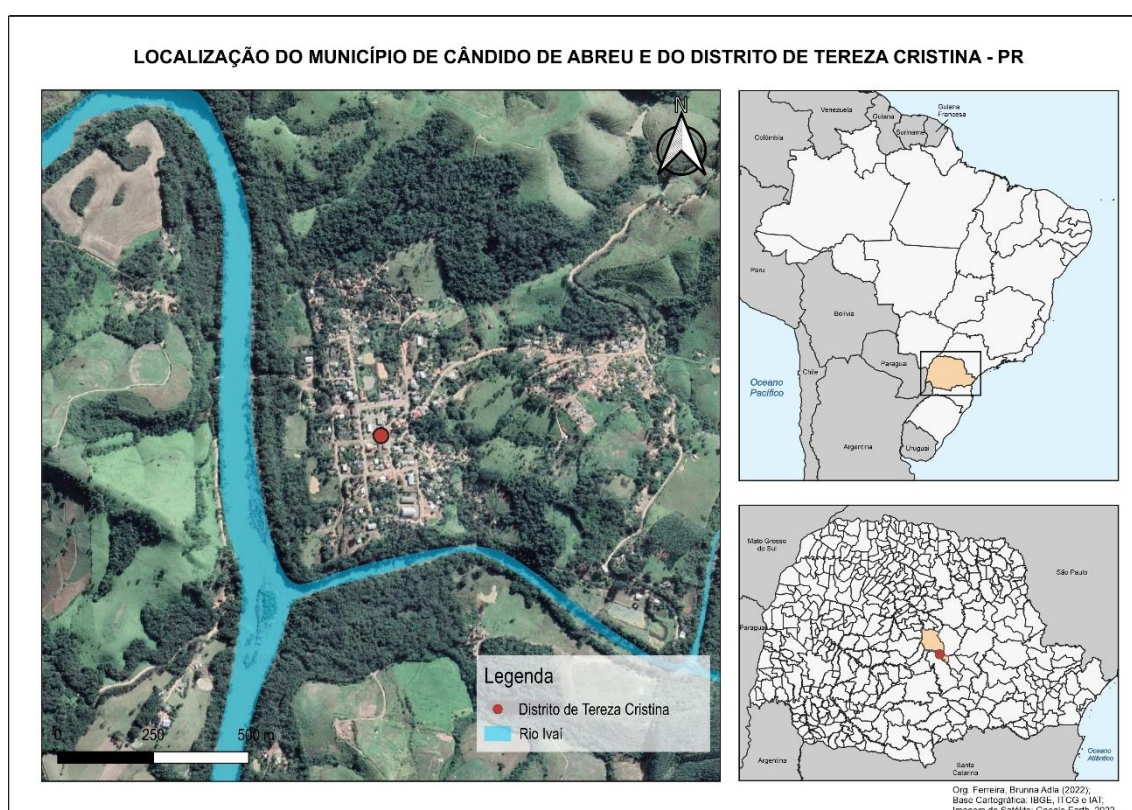
Gallo (2009, p. 246), compreende que,

[...] toda imaginação utópica advém do real do qual visa abalar a legitimidade e apenas se realiza plenamente quando a ele se remete seja como forma concreta adquirida pelo que antes não passava de ideia, seja na simples formulação de ideias que enquanto tal reponham a necessidade de uma reflexão crítica sobre o real.

Em virtude desses casos que Fourier afirma a existência da “negação da utopia e a afirmação do pragmatismo” (GALLO, 2009), em consonância entre os escritores Morus e Campanella, no sentido de que a utopia não é um não lugar, mas um lugar imaginado de criação coletiva, meramente ficcional.

2.3. À beira do Rio Ivaí

Figura 4 - Localização do distrito de Tereza Cristina com relação ao rio Ivaí



Org.: A autora (2022)

A proximidade do lugar imaginado por Fernandes (2006) para com o Rio Ivaí é grande. O autor ainda faz alusões bíblicas no decorrer da sua escrita ao fazer menção desse lugar, chamando-o de Canaã, ou a terra prometida por Deus ao seu povo, um novo lugar, uma nova experiência de habitar a terra, em um lugar “que mana leite e mel”.

A referência bíblica de Fernandes (2006) é forte no sentido de abraçar um nicho de leitores que na experiência de leitura irão ser levados pelo sentimento de conhecer uma história semelhante, uma vez que Canaã da Galileia estava localizada próxima ao Rio Jordão, um rio com muito significado aos cristãos e citado muitas vezes na Bíblia Sagrada.

Assim, o argumento da topofilia, como já foi abordado, alicerça o entendimento de lugar, no qual ele não é um ambiente narrativo, mas o retorno às origens de Faivre, no sentido de que ele sai de sua terra natal França, vem ao Brasil com a proposta de colocar em prática seus ensinamentos de medicina e com seu ideal de instaurar um núcleo colonial com mão de obra livre. As origens, portanto, se remetem à formação social francesa do personagem mediante a um contexto intelectual idealizado em que a efetivação da Colônia configura no clímax narrativo do ser.

Isso se dá a partir de reflexões geográficas para apontar como um elemento central na criação do lugar de Faivre, a noção de topofilia, ou seja, referências aos “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1983, p. 107), os quais,

[...] diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética; em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada.

Josué Corrêa Fernandes (2006), no decorrer de sua escrita nos faz perceber que o sentimento topofílico de Faivre para com seu lugar de nascimento seja um “veículo de acontecimentos” (TUAN, 1983) que então pode ser “percebido como um símbolo” (TUAN, 1983), pois a topofilia também “é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem” (TUAN, 1983, p. 108).

Percebe-se, assim, que o personagem Faivre cria um lugar que podemos chamar aqui de “lugar imaginado”, uma vez que ele usa dos símbolos de determinadas paisagens do seu afeto e não obstante de uma esperança, que deve ser discutida a partir da ideia de que Faivre buscava um lugar melhor para viver dentro da narrativa, reavivando um sentimento de heroísmo.

A relação idealizada para com a terra natal de Faivre pode ser percebida na seguinte passagem do texto escrita por Fernandes (2006, p. 21).

Vivendo, como vivia, numa região em que as terras agricultáveis eram escassas e, por isso, obrigatório o auxílio mútuo entre os habitantes, desde os primeiros dias, portanto, já percebera que, ao homem, nada era impossível quando existia vontade; e que para se agradecer o dom da existência, todos os desafios tinham que ser enfrentados, vivendo-se a plenitude dos ideais.

Desse modo, o lugar, primeiramente, não é uma instância conceitual, mas uma referência banal de locais. Já ao atermos novamente ao lugar da terra natal, ou à região como menciona Fernandes (2006), frente à banalidade do local há uma referência qualitativa ou uma apropriação seletiva que expressa pela ideia de terras agricultáveis. No plano da criação do lugar toponímico como elemento enunciador do mito da saga. Neste caso específico, não se pode ignorar a dimensão da paisagem, pois, remeter-se a ela de acordo com Alves; Deus (2014, p. 78),

[...] é remeter-se ao significado do lugar, sendo que as paisagens proporcionam ao homem a sensação de sentir-se parte integrante de um ambiente que vivenciou de diversas formas e maneiras, e onde aprendeu com todos os sentidos, densidade e experiências de vida.

Quando a paisagem é percebida e tomada pelo indivíduo, ela torna-se forma e aparência, deixando de lado aquele ideal primário de que paisagem seriam apenas quadros e pinturas, contudo, seu verdadeiro argumento vem à tona a partir das funções sociais atribuídas dentro do desenvolvimento de uma história (LUCHIARI, 2001).

Utilizando-se da ideia de Claval (2014), na qual o autor afirma que a paisagem é composta por símbolos e que alguns desses símbolos foram pura e simplesmente engendrados, temos como exemplo as igrejas, os templos, as mesquitas. Assim, podemos discorrer acerca da paisagem, na construção de ideias no que se refere ao

lugar imaginado e posteriormente desenvolvido pela personagem Jean-Maurice Faivre.

Pois, “a paisagem é apreendida nas relações complexas que os homens alimentam com ela” (CLAVAL, 2014, p. 240). Explorando o *sertão paranaense*⁸, ele constrói sua colônia, apresentando uma nova configuração para aquele local, anteriormente desconhecido aos seus olhos, tornando, assim, Tereza Cristina supostamente real.

A paisagem, através de novas histórias, se (re)significa, sobretudo dentro do nosso objeto de pesquisa. Pensando mais uma vez na delimitação dos seus lugares, portanto, a paisagem não morre justamente por ser carregada de “processos naturais e sociais” (LUCHIARI, 2001, p. 21).

O que torna mais palpável a construção da ideia de um lugar imaginado, é precisamente a paisagem, pois ao longo da escrita, Fernandes (2006) sempre procura afirmar como é o local por onde os personagens estão caminhando, como é, onde vão chegar e decidir iniciar o desenvolvimento da colônia, sempre procurando demonstrar e afirmar que a busca é feita a partir do que Faivre viveu na França.

De acordo com Claval, “os lugares simbólicos constituem indicadores espaciais: indicam até onde vai o território e onde ele termina” (CLAVAL, 2014, p. 239). Isso demonstra, portanto, a inserção da colônia imaginada por Faivre na obra.

A partir da narrativa de Fernandes (2006), a usando Tuan (2015, p. 130), afirma-se que,

A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura, além do efêmero, quando se combina o prazer estético com a curiosidade científica.

8 Não é o objetivo central do presente trabalho problematizar a dimensão geográfica do sertão. Contudo é importante mencionar o trabalho de Geografia Histórica produzido por Moraes (2011) sob um olhar crítico. “A ideia de sertão possui, portanto, um status teórico distinto das noções mais usuais de ‘habitat’, ‘ambiente’, ‘região’ e ‘território’, não se confundindo com elas. (...) Assim, do ponto de vista clássico da Geografia, pode-se considerar consistente a afirmação Roseana de que ‘o sertão está em toda parte’. (...). Definir um lugar como sertão significa, portanto, projetar sua valorização futura em moldes diferentes dos vigentes no momento dessa ação. Nesse sentido, pode-se dizer que os lugares se tornam sertão ao atraírem interesse de agentes sociais que visam estabelecer novas formas de ocupação e exploração daquelas paisagens”. (MORAES, 2011, p. 100-101).

Isso porque a vivência de Faivre tanto em seu lugar de nascimento, quanto na Colônia Agrícola Tereza Cristina, está atrelada às lembranças, à memória, uma vez que “é na memória que se efetiva uma reconciliação do instante com a duração” (DURAN; BENTIVOGLIO, 2013, p. 220), recriando de acordo com os autores o real e o vivido.

Assim, surge a mescla entre realidade e ficção, colocada de maneira escancarada na narrativa de Fernandes (2006), pois o sentimento toponímico do autor é passado para o personagem Jean-Maurice Faivre, tendo o apego a tudo que passou, as inspirações em continuar a busca pelo lugar ideal de criação da colônia Tereza Cristina.

Tuan (2015, p. 207) afirma que “a maioria dos lugares não são criações deliberadas, eles são construídos para satisfazer necessidades práticas”. Aqui temos o reforço da ideia de imaginar e criar um lugar para demonstrar sua esperança, trazendo para interpretação o título da obra “Saga da esperança”, uma busca constante em mostrar para todos a possibilidade de uma vida alternativa, de realizar aquilo que se deseja e seu dever.

Pode-se perceber esse afeto ao lugar imaginado pelo seguinte trecho de Fernandes (2006): “levaria para dentro das selvas do Brasil, onde fundasse a sua Colônia, a doce inspiração daquela que lhe enchera os dias de esperança e de otimismo, fazendo-o partir, agora, para a grande tarefa de sua vida.” (FERNANDES, 2006, p. 41).

Essa passagem refere-se ao falecimento da esposa de Faivre e de sua filha, e foi a partir desse momento que o médico francês decide definitivamente buscar um local para fundação de sua ideia. “Com o coração sangrando, Faivre, então, reavivou os velhos sofrimentos e decidiu abandonar tudo, para perseguir a ideia de que a verdadeira felicidade consistia em fazer os outros felizes” (FERNANDES, 2006, p. 41).

Atentar-se ao sentimento de pertencer ao lugar que Fernandes (2006) trabalha textualmente é entender a linha tênue existente entre a ficção e a realidade dentro de sua obra, em que ele nos faz mergulhar na história do personagem Jean-Maurice Faivre, tal qual como um conto de fadas.

Ao trazer ainda para mais perto a narrativa de Josué Corrêa Fernandes (2006) à cientificidade, entende-se que o sentimento do personagem Faivre pode se exprimir na afirmação de Tuan (2015, p. 133) de que “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo”.

No decorrer da busca do heroísmo do personagem, é isso que Faivre procura, o valor dentro do lugar imaginado, da colônia Tereza Cristina, pois “parece que a toponímia necessita um tamanho compacto reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos” (TUAN, 2015, p. 138).

A partir da união desses conceitos geográficos (Lugar, Paisagem e Toponímia), compreende-se que a natureza na obra de Josué Corrêa Fernandes (2006) instiga o imaginário como um objeto cultural, sendo assim “as representações de mundo são construídas na produção desses objetos culturais que, reunidos no tempo e no espaço, **transformam a paisagem em lugar**” (LUCHIARI, 2001, p. 22 – sem grifos no original).

Nesse sentido, Tuan (2015) coloca que a toponímia liga-se com a dependência material e com a recíproca de que a terra “é um repositório de lembranças e mantém a esperança” (TUAN, 2015, p. 132).

Fernandes (2006) demonstra muita afeição ao rio Ivaí, retratando, ainda mais, o “repositório de lembranças” (TUAN, 2015).

E de acordo com Fernandes (2006, p. 85-88)

Seja, porém, na esfuziante encruzilhada do seu nascedouro; seja em qualquer ponto de seu inexorável percurso, o Ivaí sempre assume ares de um rio simpático e amigo. Por isso, talvez, as suas margens tenham sido procuradas pelo homem, desde tempos remotos, como primeiro abrigo e como último refúgio, na desesperada luta pela sobrevivência. [...] Pudessem falar as árvores frondosas e muitas vezes centenárias que ainda lhe bordejam as barrancas; fosse possível que as pedras limosas e decrépitas dos parís, abandonando o sussurro das corredeiras, também falassem por si mesmas, aí, então, todos ficariam a par das ações gloriosas que ali foram vividas, gravadas com sangue e suor nas terras fecundas que o margeiam, nas nuvens brancas que ainda coroam os morros adjacentes.

Só aqueles que já dormiram em suas barrancas, sob o céu pontilhado de estrelas, escutando a bulha de suas corredeiras, o baticum pausado das canoas e os ruídos fantásticos de suas matas, onde pululam ninfas e duendes, - somente esses poderão confirmar que o Ivaí não é um mero acidente geográfico, um registro a mais em qualquer mapa, mas um rio místico e vivo, impregnado de incomparável força telúrica e destinado pelo Criador a servir de arenas e venturas desditas, a prodígios e sonhos.

Este sentimento demonstrado pelo autor Fernandes (2006) - a partir da sua criação, a personagem de Jean-Maurice Faivre - aos lugares delimitados neste trabalho, podem vir de uma consciência do passado, ou seja, a referência de seu lugar de nascimento e afeto foi refletida em sua experiência no núcleo colonial de Tereza Cristina, pois nos “parece que a toponímia necessita um tamanho compacto reduzido às

necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos” (TUAN, 2015, p. 138).

Além disso, “quando se estabelece a relação de topofilia, sendo permanente, aliás, a sua construção, o homem relaciona a natureza concreta de uma paisagem com as emoções vividas no seu lugar” (ALVES; DEUS, 2014, p. 79).

Uma importante ressalva a ser feita é de que a natureza, o meio ambiente, e consequentemente a paisagem não são consequências diretas da topofilia, contudo geram estímulos sensoriais que conformam esse sentimento (TUAN, 2015), pois “os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (TUAN, 2015, p. 152).

Fernandes (2006), mesmo sem o respaldo da utilização de obras geográficas em sua narrativa (uma vez que sua proposta não é essa), consegue explicitar exatamente a colocação de Tuan (2015, p. 153) de que “as pessoas sonham com lugares ideais”. É isso que o autor demonstra ao falar de Faivre e do seu sonho em constituir a “Terra da Utopia”, uma verdadeira “Cidade da Esperança”, e transferindo isso para as palavras de Tuan (2015, p. 153, grifo do autor) “em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o *lar* de alguém - com todo significado afetivo da palavra”.

Buttimer (1982, p. 166) também afirma que,

Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.

Os dois geógrafos humanistas apresentam um diálogo entre o sujeito e sua experiência com o mundo vivido. De acordo com Rodrigues (2015), portanto, temos assim o lugar “como uma categoria central geradora de significados geográficos em constante relação com o espaço abstrato” (RODRIGUES, 2015, p. 5041).

Nesse sentido, admite-se na constituição de nosso objeto de pesquisa esse espaço, uma vez que como já colocado, tem-se o personagem Faivre em lugares que trazem o sentimento de topofilia, partindo de um lugar conceitual em que se fundamenta o mito, a saga de origem de Tereza Cristina.

Neste diálogo entre a Geografia a partir dos expedientes imaginários da linguagem literária é que se fundamenta como ponto forte da experiência humana da terra no horizonte. Se concentra no poder de fala romanceada, por exemplo, no uso das fontes para fundamentar um realismo ao texto ficcional, embora o sujeito não seja biografado ao intelectual, bem como é produzido um apelo a narrativa de uma história do heroísmo dos vencedores, a perda da esposa, a vida de estrangeiro, entre outros aspectos que são elementos centrais para forjar a ideia de colonização europeia enquanto um ato de bravura e de superação.

Para tanto, os movimentos abordados nessa seção sustentam um entendimento em relação à obra de Fernandes (2006), que caminha nos limiares da Literatura, primeiro na “Saga”, compreendendo como o personagem Faivre em um “ato heroico”, entendendo-se como uma nova forma de habitação daquele lugar; o “socialismo utópico e esperança” com a semelhança das narrativas, como de Morus (1989 [1516]) e Campanella (2014 [1602]), afirmando esse trajeto de utopia e esperança; e “à beira do Ivaí”, trazendo referência à percepção de uma paisagem criada a partir do lugar imaginado de Fernandes (2006), fazendo menção à topofilia (TUAN, 2015), sendo assim, a própria ideia de utopia é ressignificada no texto ao fundamentar uma espécie de desfrute deste processo e ao forjar ao leitor uma ideia de que deve orgulhar-se da trajetória de seu ilustre compatriota.

Capítulo 3 – O Mito de Lugar na “Saga da Esperança”

A ciência é a arte, interpretando o que muitos denominam realidade, de sempre rearranjar informações – elas mesmas, um produto da criação – que permitem construir o desenho do mundo, das coisas e dos seres, das suas complexas relações e dos seus lugares (HISSA, 2002. p.14).

O intuito neste capítulo final é articular o conceito de mito de lugar⁹ com o lugar imaginado no texto de Josué Corrêa Fernandes (2006), no livro “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí”, o qual é inspirado no lugar histórico de Tereza Cristina. Portanto, o objetivo principal é delimitar dois momentos, o primeiro para o diálogo do mito de lugar como conceito, ou seja, a explicação de como se compreende esta ideia e como ela se atrela ao objeto de estudo da presente pesquisa e, em segundo lugar, como o conceito se desdobrará a respeito da paisagem apresentada e imaginada no texto de Fernandes (2006).

3.1. O Mito de lugar como conceito

Rob Shields (1991) considera o mito de lugar como um agrupamento de imagens de um determinado lugar. Portanto, pensa-se aqui em um lugar ficcional, lugar este criado na obra de Josué Corrêa Fernandes (2006), inspirado em um lugar histórico. Conforme Shields (1991), a criação do mito de lugar irá se caracterizar a partir de 3 processos (entende-se também a possibilidade de diversas interpretações de cada sujeito leitor da obra aqui tratada).

O primeiro processo é destacado por Shields (1991) como “simplificação” e utiliza-se para o entendimento de uma “memória fotográfica”, em que ao ler sobre o lugar imaginado o leitor faz uma relação a outros lugares já lidos e/ou vividos. Ou seja, o leitor vai em busca de assimilar o que já lhe é conhecido para compreender de maneira mais “rápida” o lugar imaginado em uma primeira instância, pois, a partir dos processos seguintes a ideia caminha para uma etapa de amadurecimento, sendo através de muitas leituras que enfim se cria uma nova ideia.

9 Elucubrado por Rob Shields (1991) e discutido em sua obra “*Places on the margin: alternative geographies of modernity*”.

Pinto (2004) frisa a importância do leitor, um “leitor sábio” que vai para além do entendimento da obra, carregando consigo a fixação do lido e assim sua utilização, seja em novos textos ou para compreensão de um devaneio.

Enquanto que o segundo passo é exposto como “construção de estereótipos” e caracteriza-se pelas lembranças que são guardadas mediante ao primeiro processo, no sentido de que neste momento o leitor consegue descrever e não obstante entender o lugar, trazendo dessa maneira, novas possibilidades: “[...] a leitura instala o lugar da crítica e cria condição para a existência da história, a volúvel história, com seus caprichos e oscilações de interpretação, com sua vocação crítica” (PINTO, 2004, p. 36).

As possibilidades identificadas e/ou criadas pelo leitor são para entender o lugar da obra como um lugar ficcional, desvinculando-se, dessa maneira, do lugar o qual foi inspiração para Fernandes (2006). A leitura ocupa, assim, um lugar de identificação de construção, a partir da bagagem que o sujeito leitor traz da simplificação.

Ao passo que o terceiro ponto apresentado por Shields (1991) é colocado como ‘atribuição de rótulos’, pelo qual se entende que o leitor já construiu uma definição para o lugar experienciado a partir da leitura da obra de Fernandes (2006), assim, este processo tem como objetivo “finalizar” o conceito, no qual o leitor já compreende o lugar ficcional da obra e seu ponto principal a partir desse entendimento é definir o lugar imaginado, como um resultado de tudo que se analisou no decorrer dos processos para alcançar o entendimento do conceito tratado por Shields (1991).

Shields (1991) ainda afirma que esse conceito é passível de modificações, sobretudo quando se trata de um lugar histórico. Contudo, sabendo que a presente pesquisa aborda em seu todo um lugar imaginado, entende-se que a obra de Fernandes (2006) teve e terá novos leitores e assim novos olhares e possibilidades, portanto, sua passibilidade em mudar pode acontecer mesmo tratando-se de um lugar construído, ficcional.

Nesse ínterim, envolve-se neste diálogo o lugar enquanto conceito geográfico, trazendo a perspectiva de Tuan (1983), um lugar com sentido de pertencimento e identidade a partir do espaço, e quando se trata de um lugar imaginado, procura-se, também, o sentimento de estar ligado de alguma maneira àquela representação na obra.

Dessa maneira, ao se pensar em lugar, podemos pensar em símbolos, pois “uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo como conceitual” (TUAN, 1983, p. 07). No caso do lugar imaginado da obra de Fernandes (2006), o conhecer se torna conceitual, pela construção que se estabelece a partir do conceito de Shields (1991).

Rogério Haesbaert (1997), p. 24), afirma,

Como se sabe, os signos, representações ou substitutos da realidade concreta, podem se estender desde o extremo de uma reprodução direta e “literal” das coisas e fenômenos, como palavras que tenham um sentido, diretamente vinculado a uma “realidade”, até a pura invenção (o “imaginário radical” a que se refere Castoriadis), com um significado abstrato e subjetivo que pertence ao reino dos sonhos e/ou da imaginação e que, por ausência de um código padronizado, está aberto a todo tipo de interpretação, sugerindo as mais diversas imagens.

Surge, assim, a ponte necessária para a inserção do objeto de pesquisa nesse diálogo: conhecer conceitualmente o lugar criado por Josué Corrêa Fernandes (2006) desperta no sujeito leitor o imaginário e as imagens acerca deste mesmo lugar ficcional, desse modo, pensando na experiência com o lugar, “ver e pensar são processos intimamente relacionados” (TUAN, 1983, p. 11).

Portanto, o mito de lugar se constrói através das percepções do sujeito leitor da obra, seja ele um leitor que está buscando respostas no desenvolvimento de um trabalho científico, ou um leitor que está conhecendo novos limiares da literatura.

E Sarmiento (2004, p. 46-47), confirma,

A imagem que um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos possuem sobre um lugar ou paisagem é assim construída através da soma de crenças, ideias e impressões que ele ou ela têm acerca de um lugar ou paisagem em particular.

Assim, o mito permeia o ideal estabelecido por Ferreira-Santos e Almeida (2020), onde pode ser compreendido como uma forma de conhecimento, constituído através de narrativas simbólicas, e que se relaciona a narrativa de Fernandes (2006), voltada à forma como o autor se expressa, dando abertura à percepção dos símbolos.

Nesse ínterim, pode-se pensar no que Iser (1993) trata como texto ficcional. Ao trabalhar o estudo de imaginários dentro da Geografia, entende-se que são trabalhos e pesquisas novas nesse âmbito, pois Ferreira-Santos; Almeida (2020, p. 44), afirmam,

[...] sua total indiferença à tentativa humana de compreendê-lo, não nos impede, no entanto, de organizá-lo, de datá-lo de sentidos, de buscar compreendê-lo. É o que realiza o imaginário. Sua função eufemizadora possibilita que nos situemos no real, ao organizá-lo imaginariamente por meio de narrativas simbólicas.

Além disso, “os lugares nos falam de enraizamento, do pitoresco, do exotismo” (CLAVAL, 2014, p. 231). Nesse sentido, dá-se a experiência ao lugar, pois, a partir da leitura da história, criamos novas tramas, novas imagens e possibilidades dentro da ciência geográfica. Em outros termos, o mundo do livro habitado pelas palavras também passa a constituir a geografia da leitora da obra permeada por uma leitura mítica do lugar de Faivre fundado por Fernandes (2006).

Partindo desse breve diálogo, Shields (1991) ainda expõem sobre a ascensão e queda das imagens de um determinado lugar, que acontece “through the record of the number of the people who visited it and a knowledge of what activities people engaged in When They were there¹⁰” (p. 47).

E no caso do lugar conceitual/imaginado de Josué Corrêa Fernandes (2006), o avanço das imagens construídas pelos leitores da obra só irá acontecer em áreas de trocas, de diálogo com sujeitos que já construíram um mito de lugar a respeito deste lugar ficcional, em uma Geografia de lugar nenhum, como afirma Maria Lúcia de Amorim Soares (2010), uma vez que cada leitura e interpretação é suficiente para criar novas ideias a respeito do lugar imaginado, pois “a função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive as de lugar” (TUAN, 2015, p. 203).

Tuan (2015, p. 172), continua,

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas conhecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas.

Assim, o lugar imaginado construído por Josué Corrêa Fernandes (2006) pode assemelhar-se ao espaço mítico discutido por Tuan (2015), na obra “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”, uma vez que os mundos criados a partir da ficção são engendrados pela vontade do autor, sendo uma produção intelectual de acordo com Tuan (2015), uma resposta ao sentimento de imaginação.

10 [...] por meio do registro do número de pessoas que o visitaram e do conhecimento de quais atividades as pessoas realizavam quando estavam lá. (SHIELDS, 1991, p. 47. Tradução nossa).

Desse modo, a imaginação segue criando novas imagens com relação aos lugares, ou seja, à medida que o leitor se aprofunda na obra, novos sentidos de imaginação se aguçam, pois a mutabilidade dos processos geográficos do mito de lugar se torna possíveis no movimento da literatura.

Para além desta possibilidade de mudança, a partir do ato de imaginar, a mudança pode ocorrer também de maneira “inversa”, uma vez que a falta de acesso à literatura de Fernandes (2006) apresenta. Contudo, o sentimento de imaginação não fica de fora, pois, “a memória passa a assumir um papel político, configurando um discurso orientador ao lado da história” (DURAN; BENTIVOGLIO, 2013, p. 220), além de que “há que se notar que é na memória que se efetiva uma reconciliação do instante com a duração, que a memória recria o real e o vivido” (DURAN; BENTIVOGLIO, 2013, p. 220). Entretanto, a construção de sentidos em relação à memória e imaginários e das imagens sobre o lugar pode ser afetada.

Isso relaciona-se diretamente com o que Tuan (1983) afirma a respeito de lugares com pouca notoriedade visual, mas que em alguma medida são importantes para determinados indivíduos, pois “these images connected with a place may even come to be held as signifiers of its essential character¹¹” (SHIELDS, 1991, p. 47).

Portanto, entende-se que além do “mito de lugar” ser esse agrupamento de imagens específicas, ele é também uma variante, por assim dizer, do conceito de Lugar, comumente trabalhado na Geografia e com um grande espaço para a discutibilidade. E Shields (1991) quer justamente demonstrar que a mudança dos lugares altera também as imagens a respeito do lugar, claro que em um ritmo diferente.

A constância com que esse processo ocorre pode ser comparada para com um processo de movimentos de massa em uma encosta, por exemplo, a qual gera uma alteração na paisagem considerada rápida, porém, a imagem acerca do lugar que sofre com esse evento demora se reconstruir, na medida que cada indivíduo que carrega consigo essa imagem, passa pelo lugar, ou até mesmo ouve sobre a ocorrência. É nesse processo que novas imagens e um novo imaginário se remonta no intuito de continuar a demonstrar seu valor simbólico para um determinado grupo de sujeitos.

11 [...] essas imagens ligadas a um lugar podem até vir a ser tidas como significantes a partir de seu caráter essencial. (SHIELDS, 1991, p. 47. Tradução nossa).

Após estabelecido essa nova mudança, Shields (1991, p. 61) fala acerca das “metáforas mortas”, que são essas imagens passadas dos lugares, que podem ser “invented, disseminated, and become accepted in common parlance¹²”.

Shields (1991, p. 62), considera que,

Place and space myths are united into a system by their relative differences from one another even while they achieve their unique identities by being 'set-off' against one another¹³.

Nesse sentido, caminha-se para entender como a literatura de Josué Corrêa Fernandes (2006) ensaia um pensamento de mito de lugar, a partir de um mundo imaginário. Pois, ora “even When the characteristics of a place change so radically that one would expect a change in the place-myth, this does not Always take place¹⁴” (SHIELDS, 1991, p. 256).

Segundo Shields (1991, p. 61),

[...] There is both constancy and a shifting quality to this model of a place or space myths as the core change slowly over time, are displaced by radical changes in the nature of a place [...]¹⁵.

Sendo assim, a relação com o conceito de Shields (1991) é possível, entendendo que dentro do panorama exposto, a narrativa ficcional e o lugar imaginado de Josué Corrêa Fernandes (2006), podem se dispor ou não de mudanças de perspectivas e/ou interpretações vindas do sujeito leitor.

12 [...] inventadas, disseminadas e serem aceitas na linguagem comum. (SHIELDS, 1991, p. 61. Tradução nossa).

13 Os mitos do lugar e do espaço são unidos em um sistema por suas diferenças relativas uns dos outros. Mesmo brancos, eles alcançam suas identidades únicas sendo confrontados uns com os outros. (SHIELDS, 1991, p. 62. Tradução nossa).

14 Mesmo quando as características de um lugar mudam tão radicalmente que seria de se esperar uma mudança no mito de lugar, isso nem sempre ocorre. (SHIELDS, 1991, p. 256. Tradução nossa).

15 [...] Há uma constância e uma mudança de qualidade neste modelo de lugar – ou mitos espaciais à medida que as imagens centrais mudam lentamente ao longo do tempo, são deslocadas por mudanças radicais na natureza de um lugar [...] (SHIELDS, 1991, p. 61. Tradução nossa).

3.2. Mito de lugar e a relação com a paisagem na narrativa

Tal qual os estudos de Literatura e Geografia, Corrêa (2012) afirma que a paisagem tem sido um conceito buscado por geógrafos para inserir em suas análises, contudo, o autor apresenta um parâmetro de que esse interesse não foi homogêneo, explicando isso a partir de três períodos.

A contar da metade do século XIX, a paisagem é interpretada por e a partir da morfologia, ou seja, de forma material, com muitos estudos realizados em um primeiro momento na Europa e logo após nos Estados Unidos, nesse período também a Geografia sofre muitas críticas (CORRÊA, 2012).

Partindo de 1940 a 1970, este interesse cai por terra pensando na paisagem enquanto objeto de estudo, pois, nesse período, ocorre o final da 2ª Grande Guerra Mundial, e “a paisagem foi, neste contexto, considerada como tema do passado, sem praticidade, sendo, então, colocada em plano marginal” (CORRÊA, 2012, p. 31).

Chega-se então ao período que perdura até os dias atuais, em que de acordo com Corrêa (2012), o interesse pelos estudos que envolvessem a paisagem retornara com maior relevância.

Sendo assim, entende-se a relação entre a paisagem e a literatura, que se torna mais relevante no período pós 1970 (CORRÊA, 2012), trazendo a discussão do mito de lugar de Shields (1991), conduzindo um caminho para o diálogo a partir da paisagem narrada por Fernandes (2006), fazendo com que o leitor da obra continue com o exercício de imaginar, de criar imagens acerca de sua ficção.

A paisagem narrada por Josué Corrêa Fernandes (2006) irá demonstrar relações para com o espaço e lugar narrado/imaginado, sendo a paisagem uma porção desse todo geográfico. A mudança do mito de lugar com relação a imaginação fica mais compreensível no sentido de que ficará a critério do sujeito leitor novas análises.

No início da obra, por exemplo, Fernandes (2006, p. 19, grifo nosso) narra o lugar de nascimento do seu personagem Faivre:

[...] **vales** que se formam no ponto de contato dos **terrenos calcários duros com solos argilosos ou semelhantes**. Estes, menos resistentes, permanecem acumulados no fundo, enquanto que os outros se elevam em forma de **muralhas escarpadas**. Tais várzeas oferecem, de ordinário, um belo aspecto, com **transparentes lagos, cascatas espumantes e grutas embelezadas por reluzentes estalactites**.

Uma relação com o lugar histórico, não conhecido pelo leitor, mas que a partir da narrativa se desenvolve as imagens de um determinado lugar, ou o mito de lugar de Shields (1991), a partir dessas colocações de Fernandes (2006) a respeito da sua construção textual e do discurso que ele quer apresentar ao sujeito leitor, como uma forma de instigar o sentimento de imaginação.

Shields (1991, p. 17), diz,

Place-images, and our views of them, are produced historically, and are actively contested. There is no whole picture that can be 'filled in' since the perception and filling of a gap lead to the awareness of other gaps¹⁶.

Através desta produção de opiniões e o surgimento de novos pontos de partida com relação ao sentimento de imaginação, o ciclo para compreender o mito de lugar constantemente se renova, pois entende-se que o prorromper de novas percepções alavancam, como afirma Shields (1991), novas lacunas para inserir nos processos de construção do conceito, uma nova simplificação, construção de estereótipos e uma nova atribuição a análise.

Sendo assim, “landscapes do not result from a unified instrumental action, but reflect different historical uses and projects [...]”¹⁷ (SHIELDS, 1991, p. 24).

Ainda Fernandes (2006, p. 73, grifo nosso),

De dia, ainda não afeito as peculiaridades da nova terra, o grupo observava, curioso, **as bananeiras, os lírios do brejo, as alevantadas aroeiras e guamerins; encantando-se com a copada azul-violeta das quaresmeiras que se disseminavam pela escarpa** (FERNANDES, 2006, p. 73, grifo nosso).

Os diferentes usos e projetos que Shields (1991) afirma se estabelecem também nas diferentes interpretações que o leitor tem de obras. No caso da narrativa de Josué Corrêa Fernandes (2006), a paisagem narrada se estabelece a partir da construção de estereótipos pré-estabelecidos por um leitor já ciente da história e para um leitor que utiliza a obra a título de curiosidade. A interpretação e por conseguinte

16 Os lugares-imagens, e as nossas opiniões sobre eles, são produzidos historicamente, e são ativamente contestados. Não existe um quadro completo que possa ser 'preenchido', uma vez que a percepção e preenchimento de uma lacuna leva à consciência de outras lacunas (SHIELDS, 1991, p. 17. Tradução nossa).

17 [...] as paisagens não resultam de uma ação instrumental unificada, mas refletem diferentes usos e projetos (SHIELDS, 1991, p. 24. Tradução nossa).

o uso se estabelecem a partir dos três momentos do mito de lugar, entendendo, assim, que as opiniões e compreensões se diferem.

As paisagens narradas por Fernandes (2006), assim como o lugar imaginado, abrem portas para imaginar. Se entende que diferente do que Santos (1996) afirma com relação à estaticidade da paisagem, ela pode realmente ser mutável, o exemplo está na obra “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira da Ivaí” (2006), pois seu autor toma como princípio descrever a paisagem do seu lugar imaginado, e tendo como inspiração um lugar histórico, a construção das paisagens descritas e como elas se estabelecem, se encaixam de maneira equilibrada em sua escritura.

Em comentários acerca da construção do Colônia, do rio Ivaí, das passagens dos personagens por lugares insossos, Fernandes (2006) deixa o sentimento de imaginação dos leitores se aflorar, “[...] em terras alterosas onde o verde dos ervais e a imponência das araucárias ainda estão presentes [...]” (FERNANDES, 2006, p. 83-88, grifo nosso),

Do alto da cordilheira onde se encontravam, sob a luz dardejante do sol de abril que quase tomava conta do espaço anilado, podiam eles enxergar **as sinuosidades do volumoso rio, fendendo a mata cerrada e escura** com relação ao ocidente.

A manifestação da imaginação a partir da leitura das paisagens narradas por Fernandes (2006) é ideal na construção das ideias, e definição de processos, e como afirma Iser (1993, p. 01),

It is perhaps to state another commonplace to point out that a piece of fiction devoid of any connection with known reality would be incomprehensible. Consequently, if we are to attempt a description of what is fictive in fiction, there is little point in clinging to the old distinction between fiction and reality as a frame of reference. The literary text is a mixture of reality and fictions, and as such it brings about an interaction between the given and the imagined¹⁸.

18 E talvez para afirmar outro lugar comum salientar que uma peça de ficção desprovida de qualquer ligação com a realidade conhecida seria incompreensível. Consequentemente, se quisermos tentar uma descrição do que é fictício na ficção, faz pouco sentido agarrar-se à velha distinção entre ficção e realidade como um quadro de referência. O texto literário é uma mistura de realidade e ficção, e como tal traz uma interação entre o dado e o imaginado (ISER, 1993, p. 01. Tradução nossa).

Assim, a relação feita por Fernandes (2006) em sua obra, tendo uma ligação/inspiração com a realidade, não é toda ela inviabilizada, uma vez que para construir algo a partir do imaginário, torna-se importante ter referências, sobretudo referências que resistem ao espaço-tempo, como fez Josué Corrêa Fernandes (2006).

A interação entre o real e o imaginado na obra objeto principal da pesquisa caminha, portanto, a partir da composição e relação entre três lacunas, a primeira, entender conceitualmente o mito de lugar (SHIELDS, 1991), a segunda, atrelar o conceito ao lugar imaginado aprofundado por Fernandes (2006) para então trazer consigo a paisagem, a qual realiza uma interação para com o lugar, que, por sua vez, também foi inspirado a partir de uma dada realidade.

Assim, Palhares (2020, p. 354), mostra que,

O texto literário dá ao leitor possibilidades de devanear, penetrar na história de tal forma que ele é capaz de se emocionar - chorar ou sorrir - tornando real o que é imaginado, pois “imaginamos mundos em que nossa vida teria todo o seu brilho, todo o seu calor [...]” (BACHELARD, 1988, p. 143). Geografias imaginadas, paisagens imaginadas pelo leitor nas quais o desejo de ser atravessado por elas se torna tão intenso que não há necessidade de se deslocar.

A paisagem imaginada na obra de Fernandes (2006) vai remeter ao sujeito leitor que está envolvido na escritura a retomar ao lugar ficcional já estabelecido por ele mesmo, a partir do mito de lugar, criando, dessa maneira, imagens para então compor seu imaginário, podendo se “deslocar” do modo desejado, pois o caminho que se trilha por cada indivíduo é único, no sentido das possibilidades.

Fernandes (2006, p. 99),

No ano seguinte à fundação, já se percebia que a Vila Thereza não era um pequeno amontoado de cabanas [...]. Dividiu-se perfeitamente a zona que ficariam as residências, com os quintais, com a frente, daquela onde seriam erigidos os estabelecimentos de uso comum [...]

É entre o lugar histórico inspiracional para Fernandes (2006) e o lugar imaginado construído por ele que se constrói a relação de um sentido de imaginação, do real e do imaginário, trabalhado por Iser (1999, p. 67), em que “a especificidade da literatura, o traço que a distingue como meio consiste no fato de que é produzida mediante uma fusão do fictício e do imaginário.”

De agora em diante, entende-se que o mito de lugar desenvolvido pelo leitor a partir do pensar a paisagem imaginada de Fernandes (2006) caminha em direção à

capacidade individual de dar sentido ao mundo, mas um mundo particular, dando forma a um pensamento.

Sendo a paisagem uma “exegese da vinculação imagética do homem ao meio” (ARAUJO, KUNZ, 2014, p. 94), o mito de lugar surge novamente com representações, sobretudo a partir de símbolos, pois a leitura do lugar e da paisagem dentro dessa perspectiva se dá partir do sentido de imaginação.

De acordo com Palhares (2018, p. 354),

A literatura cria diálogos possíveis com a geografia, tradicionalmente voltada para o exterior, para os aspectos visíveis do olhar. Assim, entre o mundo real, concreto e o mundo imaginário, nos deparamos com uma geografia interior, cuja “leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes” (DARDEL, 2011, p. 5). O geógrafo se interessa pela essência de ser e estar no mundo, onde se sinta estreitamente ligado à Terra. Nesta perspectiva, podemos dizer que somos seres que se relacionam com o quem, o que e o onde.

Os símbolos e signos, assim como a literatura, criam diálogos possíveis com a Geografia. Toma-se como exemplo os conceitos geográficos. Nesta pesquisa, o ponto de partida vem com lugar e paisagem, e percepções a partir de uma obra regional. Contudo, o diálogo é a partir de novas análises que aqui estão encaminhadas em direção da ficção, da percepção.

Embora se tenha arrolado no texto algumas definições de paisagem, segundo o trabalho dos geógrafos, se faz necessário também pensar a paisagem na poética. Em “Poética e Filosofia da Paisagem”, o poeta e professor de Literatura Francesa – Michel Collot (2013) destaca a paisagem como uma forma de pensamento. Na pesquisa em tela, frisa, então, que não é pensado a paisagem propriamente como a descrição de um espaço de ambientação da obra e ou do personagem, mas como uma forma de olhar, ver e ler o texto.

Em outro trabalho, Collot (2012) define 03 elementos para discutir o conceito de paisagem. Em primeiro lugar, a paisagem enquanto um “ponto de vista”, algo subjetivo, “quer dizer, supõe-se como condição mesmo de sua existência à atividade constituinte de um sujeito” (COLLOT, 2012, p. 12).

Ou seja, a paisagem imaginada da obra “A Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí” (2006) se revela a partir de uma experiência, e nesta pesquisa, uma experiência a partir da Literatura. Collot (2012) afirma que a experiência e o objeto são inseparáveis, e nesta pesquisa entende-se o lugar e a paisagem a partir de como o conceito de mito de lugar se estabelece, pois as relações se englobam pelo

espaço, e: “salvaguardar a paisagem é uma forma de reivindicar o lugar do sujeito num espaço cada vez mais objetivado e objetivamente” (COLLOT, 2012, p. 13).

O segundo elemento caracterizado como “parte”, no sentido de que a paisagem oferece uma parte do todo, como já estabelecido, uma fração. Enquanto o terceiro elemento, apresentado como “conjunto”, “justamente porque não se dá para ver por completo, a paisagem se constitui como totalidade coerente” (COLLOT, 2012, p. 16).

Esta delimitação de acordo com o autor, irá preparar a paisagem para se tornar um quadro, pois entende-se que a Literatura e as obras levam o sujeito leitor a pensar em um começo e um fim de uma paisagem, sendo assim, além de ser imaginada, ela é percebida, portanto, só se fala de paisagem a partir de sua percepção (COLLOT, 2012).

O mito de lugar, portanto, dentro da perspectiva do lugar e da paisagem, ou da ciência geográfica como um todo demonstra um caminho de compreensões a partir do imaterial.

Entendendo que a partir da obra de Josué Corrêa Fernandes (2006) o leitor não acessa o lugar histórico, apenas o ficcional, dado pelo autor, tendo então a criação de imagens e símbolos acerca do lugar como um resultado inevitável.

Shields (1991) afirma que cada história demonstra uma nova centralidade com relação ao lugar e ao mito, determinando imagens de lugares e “[...] these images and stereotypes, na imaginary geography of places and spaces, are shown to have social impacts wich are empiracally and located not Only at the level of individual proxemics¹⁹” (SHIELDS, 1991, p. 06).

E a partir da percepção aqui discutida e destacada, é no acontecimento de novas leituras que a centralidade do lugar e da paisagem irá mudar, sempre tendo como ponto de partida o mito de lugar e seus processos.

A literatura aqui é uma ponte necessária que liga a construção do conceito de Shields (1991) aos conceitos trabalhados neste estudo, o lugar ficcional se conecta ao mito a partir do sentido de imaginação construído pelo sujeito leitor, ao passo que

19 [...] estas imagens e estereótipos, uma geografia imaginária de lugares e espaços, têm impactos sociais que são empiricamente e localizados não apenas ao nível dos proxemismos individuais (SHIELDS, 1991, p. 06).

partindo desta compreensão a paisagem se insere como um quadro, dando mais clareza ao sentido de lugar.

Assim, se o lugar toponímico da terra natal constitui a referência de significados ao argumento de Fernandes (2006), expressos no capítulo 2, não é por acaso que o sentido de lugar se torne saliente (capítulo 1) nos trabalhos dos geógrafos. Por sua vez, no presente capítulo, destacou-se a partir do conceito de mito de lugar, os modos pelos quais a paisagem e o mito de lugar se tornam possíveis ao ato de leitura da obra proferida por uma geógrafa de formação. Neste complemento, gera-se a mudança no sentido da imaginação, pois as imagens estão passíveis de novas interpretações, tal qual a literatura e a ciência geográfica.

Considerações Finais

A pesquisa e a relação entre Geografia e Literatura remetem a reflexões complementares. A primeira é que a ideia desta pesquisa não é esgotar as contribuições para a relação Geografia e Literatura, nem discussões com relação ao lugar e paisagem, mas caminhar na direção de ampliar estes diálogos, trazendo o conceito de Shields (1991) para o centro, juntamente com as literaturas/epopeias regionais, apresentando novas experiências para a ciência geográfica, tendo como princípio do movimento o trânsito de conhecimentos mediados pela leitura de uma obra ficcional.

Unindo a realidade e a ficção, uma interação que, de acordo com Iser (1999), regula essa relação, no sentido da possibilidade de serem aplicadas a diversos contextos dentro da literatura, Josué Corrêa Fernandes (2006) constrói um lugar imaginado, e a partir do conceito de *place-myth* (SHIELDS, 1991) o diálogo se insere na Geografia, portanto, tornou-se importante evidenciar o foco da pesquisa para a obra de Fernandes (2006) e seu lugar ficcional.

Entende-se a possibilidade da utilização do conceito para um novo diálogo dentro da relação explorada nesta pesquisa, pois Fernandes (2006) desperta o interesse em descobrir mais sobre seu lugar imaginado, o que faz com que o caminho para novos trabalhos a respeito da sua obra se faça possível.

A inserção de um breve estado da arte foi importante para compreender um sentido de localização no mundo singular, isto é, o lugar e assim interpretar “A Saga da Esperança” a partir de uma leitura geográfica, em termos de percepção do sentido espacial dos atos heroicos do personagem do livro. Então realizada a leitura do mito de lugar (SHIELDS, 1991), que trouxe para o texto pontos da narrativa do lugar e da paisagem imaginada a partir do olhar geográfico, é que se entendeu o ritualismo do mito dentro da obra de Fernandes (2006).

Assim, a compreensão da relação entre Geografia e Literatura é apresentada no intuito de conhecer o ponto de partida da pesquisa. Portanto, a construção teórica buscou esquadriñar essa narrativa para compreender o lugar imaginado dentro da ciência geográfica.

Dessa maneira, neste estudo buscou-se experienciar o lugar narrativo, apresentando esta experiência para com o lugar ficcional, e seguindo pistas do mito de lugar, embora em todo o texto da dissertação tenha-se buscado um afastamento

da ideia de lugar histórico (inspiracional), não como fonte documental, mas como possibilidade de valoração. Chega-se nas considerações finais a ideia que o lugar histórico do livro e o lugar imaginado (construído na narrativa) podem caminhar juntos a depender do sujeito leitor.

Pois Iser (1999, p. 76), pontua,

Sempre que alguém assume posição de observador e olha para algo, esse algo muda, pois a posição interfere nisso que é observado e antes da observação não existia. Se não há distinção *a priori* entre o real e o possível e se as possibilidades até precedem a sua realização, cabe perguntar de onde estas vêm.

Dessa maneira, os três movimentos espaciais tratados na pesquisa caminharam para a construção do entendimento do lugar ficcional a partir da posição de leitores, primeiro entendendo a realização do “ato heroico” do personagem Jean-Maurice Faivre dentro da obra, com o desejo de construir um “novo lugar”; em seguida o socialismo utópico de Faivre, com seus ideais contra a escravidão, mesmo antes da Lei Áurea ser escrita, e a utopia de viver em um lugar onde todos possam ser tratados de maneira igualitária, para, assim, compreender o Rio Ivaí no terceiro movimento como um fator importante na construção do lugar, pensando, principalmente, na referência bíblica construída por Fernandes (2006), mencionando a colônia de seu personagem como a nova Canaã.

O leitor, a cada novo olhar, desenvolve experiências, novas imagens. Com a constante mudança de interpretações, surge a mudança do sentido de imaginação, que auxilia em novas compreensões de um mito de lugar, fazendo com que os processos para se chegar a esse entendimento se alterem, desde a “simplificação”, passando pela “construção de estereótipos” e finalizando na “atribuição de rótulos”.

Se Suzuki (2010) destacou a relação entre Geografia e Literatura como uma forma de ampliar uma leitura geográfica estrutural e quantitativa, outros autores mencionam a Literatura como uma fonte de experiência concreta da realidade geográfica, entre outros aspectos. Em paralelo, e como uma espécie de cenário, pode-se destacar a atividade de leitura enquanto primordial na constante formação profissional do geógrafo e da geógrafa.

Também foi trabalhando, a partir da ideia de narrativa, que destacamos a importância do conceito de lugar no discurso geográfico e concomitantemente sua primazia de significados humanos orientando pela linguagem. Não menos importante

o exercício de transitar entre a Geografia e a Literatura demonstrou a potência do imaginário como dimensão do que se pode conceber como dimensão geográfica da realidade.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e os encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 141-165.

ALVES, Rahyan de Carvalho. DEUS, José Antônio Souza de. O não lugar e as paisagens do medo: nuances toponímicas. **Revista Eletrônica Georaguaráia**. Barra do Garças, v. 4, n. 1, p. 70-82, 2014. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4874>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de. KUNZ, Sildemar Alves da Silva. O conceito de paisagem sócio aplicada à geografia: mosaico de sentidos perpassados pelo cultural e subjetivo. **Revista Linguagem Acadêmica**. Batatais, v. 4, n. 2, p. 91-112, 2014. Disponível em: < <https://silo.tips/download/o-conceito-de-paisagem-signica-aplicado-a-geografia-mosaico-de-sentidos-perpassa> > Acesso em: 06 jul. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 414 p.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007^a. p. 17-78.

BROSSEAU, Marc. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007^b. p. 79-122.

COLLOT, Michael. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmen. ALVES, Ida. LEMOS, Masé. **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-28.

COLLOT, Michael. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Tradução: Ida Alves *et. al.* Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem e geografia. In: NEGREIROS, Carmen. ALVES, Ida. LEMOS, Masé (Orgs.). **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 29-43.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETI, Antônio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-194.

CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol**. Tradução de Paulo M. Oliveira. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. 124 p.

CÉLEDON, Esteban Reyes. GIRÃO, Stéphanie Soares. Do mito do lugar e do lugar do mito na obra órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum. In: RIBEIRO, Adelia Maria Maglievich; PADILHA, Fabíola; LEITE, Leni Ribeiro (Orgs.). **Que autor sou eu?**

Deslocamentos, experiências, fronteiras. Vitória: PPGL, 2012. p. 104-110. Disponível em: <<https://letras.ufes.br/sites/letras.ufes.br/files/field/anexo/E-book%20-%20XIII%20CEL%20-%202011%20-%20Parte%201.pdf#page=104>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

CLAVAL, Paul. A experiência humana na Terra: a abordagem cultural em Geografia. In: CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. p. 221-253.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza e realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 176 p.

DURAN, Maria Renata da Cruz. BENTIVOGLIO, Julio. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. **Dimensões**, v. 30, p. 213-244, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/6162>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

FERREIRA, Brunna Adla. **A relevância patrimonial da primeira experiência socialista no Brasil**: Distrito de Tereza Cristina – Cândido de Abreu (PR). 2019. 82 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. 2ª ed. São Paulo: FEUSP, 2020. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/453>> Acesso em: 11 de dez. 2020.

FERNANDES, Josué Corrêa. **A saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Ivaí**. Curitiba: Sesquicentenário, 2006. 256 p.

FREITAS, Rafael Alves de. **Geografia e Literatura: descortinando o conceito de lugar por entre as janelas de “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo**. 60 fls. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

GALLO, Ivone. Utopia e socialismo. **Morus – Utopia e Renascimento**, nº 06, 2009. Disponível em: < <http://revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/83/68> > Acesso em: 09 de agosto de 2022.

GARCIA, Alberto E. Martos. Sagas. In: NUÑEZ, Eloy Martos. FERNÁNDEZ-FÍGARES, Mar Campos (Orgs.). **Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras, Santillana, 2013. p. 604-608.

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**, nº 03, 1997. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6708/4786> > Acesso em: 05 de março de 2021.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**. Inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 316 p.

HOLZER, Werther. Geografia Humanista e as Humanidades: Por uma epistemologia fenomenológica. **Revista da ANPEGE**, v. 16. n. 31. p. 142-149. 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12303/pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Teoria da Ficção**: Indagações à Obra de Wolfgang Iser. Tradução: Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 65-77.

ISER, Wolfgang. **The fictive and the imaginary**: charting literary anthropology. The Johns Hopkins University Press, 1993.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 09-28.

MARQUES, Marcos Aurélio. Filosofia e linguagem: mediando geografia e literatura. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade**, v. 4. n. 01. p. 253-272. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

MORAES, Antônio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Histórica do Brasil**: Capitalismo, território e periferia. São Paulo: Annablume, 2011. p. 99-108.

MORUS, Thomas. **A utopia**. Tradução de Luís de Andrade. São Paulo: Editora Escala, 1989. (Coleção Mestres Pensadores). 143 p.

MOTA, Mauro. Geografia Literária. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961, p. 193.

NABOZNY, Almir. Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de O Homem e a Terra de Eric Dardel. **Geograficidade**, v. 2, p. 58-66, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12857>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PALHARES, Virgínia de Lima. Geografias Imaginadas: O mundo pelo olhar do outro. **Revista da ANPEGE**, v. 16. n. 31. p. 350-359, 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12303/pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Os escritores como personagens de ficção. In: **Mutações da Literatura no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 125-148.

PINTO, Júlio Pimentel. Lugares e memórias dos livros: bibliotecas reais e imaginárias. In: PINTO, Júlio Pimentel (Org.). **A leitura e seus lugares**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 33-43.

PINTO, Júlio Pimentel. O lugar do leitor: do texto aberto aos protocolos de leitura. In: PINTO, Júlio Pimentel (Org.). **A leitura e seus lugares**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 45-59.

POCOCK, Douglas Charles David. Introduccion: Imaginative Literature and the Geographer. In: POCOCK, Douglas C. D. (Ed.). **Humanistic Geography and Literature: Essays on the Experience of Place**. New York: Routledge, 2014 [1981]. p. 09-19.

REIS, Carlos. Pessoas de livro: figuração e sobrevivência da personagem. In: **Pessoas de Livro: Estudos sobre a personagem**. 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 119-144.

RIVERA, Glória Garcia. **Paracosmos**. In: NUÑEZ, Eloy Martos. FERNÁNDEZ-FÍGARES, Mar Campos (Orgs.). **Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras, Santillana, 2013. p. 554-558.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: A Aproximação da Geografia com o Indivíduo. In: Encontro Nacional da Anpege, 11, 2015, Presidente Prudente. **ANAIIS...** Presidente Prudente: UNESP, 2015. p. 5.036 - 5.047. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/473.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SANTOS, Milton. Espaço geográfico, um híbrido. In: **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 72-88.

SARMENTO, João. **Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores**. 2004. DOI: 10.13140/2.1.4996.1765.

SARLO, Beatriz. Literatura e Historia. **Boletín de Historia Social Europea**, 1991, p. 25-36. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2418/pr.2418.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, Alef Guilherme Zangari. **Política de Imigração e Colonização no Brasil Imperial: Um estudo sobre a Colônia Thereza Christina-PR (1847-1875)**. 146 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2019.

SHIELDS, Rob. **Places on the Margin: alternative geographies of modernity**. Routledge, New York, 1991. 350 p.

SOARES, Maria Lucia de Amorim. O que é uma geografia de lugar nenhum? In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e**

Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduep, 2010, p. 191-206.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Um antigo debate (a divisão e a unidade da geografia) ainda atual? **Boletim Paulista de Geografia**, v. 85, p. 29-38, 2006.

SUZUKI, Júlio César. O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de 'A Rosa do Povo'. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura:** Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduep, 2010. p. 243-256.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 262 p.

TUAN, Yi-Fu. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (Eds.). **Humanistic Geography:** Prospects and Problems. New York: Routledge, 2014 [1978]. p. 194-206.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de: Livia de Oliveira. Londrina: Eduep, 2015. 342 p.

VALLE, Cléa Fernandes Ramos. TELLES, Verônica. O mito do conceito de herói. **Revista do ISAT**, v. 02. p. 01-06. 2014. Disponível em: <https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

WALTER, Carolina Palma. **O socialismo utópico e a crítica à razão utilitária.** 2011. 72 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/34857>> Acesso em: 09 de agosto de 2022.